



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

NIVIA CARLA LIMEIRA DE SÁ BOCHIE MACHADO

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS PARA O
PÚBLICO INFANTOJUVENIL**

Dissertação de Mestrado Acadêmico submetida ao Instituto de Biologia da
Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de
Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Maria da Rocha



NITERÓI

2017

NIVIA CARLA LIMEIRA DE SÁ BOCHIE MACHADO

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS PARA O PÚBLICO
INFANTOJUVENTIL**

Dissertação de Mestrado Acadêmico submetida ao Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Maria da Rocha

NIVIA CARLA LIMEIRA DE SÁ BOCHIE MACHADO

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS PARA O PÚBLICO
INFANTOJUVENTIL**

Dissertação de Mestrado Acadêmico submetida ao Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Banca Examinadora:

Solange Maria da Rocha – Departamento de Ensino Superior – Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES e CMPDI (Orientador/Presidente)

Helena Carla Castro - CMPDI - Universidade Federal Fluminense

Wilma Favorito - Departamento de Ensino Superior – Instituto Nacional de Educação de Surdos

Maria Dolores Martins da Cunha Coutinho - Departamento de Ensino Superior – Instituto Nacional de Educação de Surdos

Neuza Rejane Willie Lima - CMPDI - Universidade Federal Fluminense - (Suplente)

A Jesus porque Ele me ajuda com seu amor; sua orientação alimenta meu esforço, me dá coragem e me enche de alegria para seguir com os desafios da vida.

À minha mãe Nídia Regina Limeira de Sá porque posso contar sempre com a sua ajuda e o seu apoio.

À minha orientadora do Mestrado Profª Drª Solange Maria da Rocha porque foi uma boa orientadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus porque Ele sempre me ajuda. Ele é muito fiel e amoroso.

Agradeço à minha orientadora querida Solange Rocha porque ela me ajudou e eu aprendi bastante com ela.

Agradeço ao meu marido surdo porque me dá apoio em relação a textos na Língua Portuguesa, e me dá muito amor e carinho.

Agradeço à minha família porque minha mãe me ajudou muito, meu irmão Filipe me ajudou muito também, meu pai sempre me aconselhou com amor e meu irmão Nelson sempre me protegeu.

Agradeço a Duda que me ajudou desde pequenina.

Agradeço ao meu sogro que me dá amor e sentimento de união familiar.

Agradeço aos meus amigos professores do Departamento de Línguas Vernáculas do Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia. Marília, Cinthia, Larissa, Amarildo, Indira, Leoni e Ariana me ajudaram muito e me estimularam para que eu alcançasse minhas conquistas. Também agradeço a todos os grupos de professores da UNIR.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos	VII
Lista de figuras	VIII
Lista de quadros	IX
Resumo	X
Abstract	XI
1. Introdução	12
1.1 Minha trajetória de estudante de mulher surda	12
1.2 O Instituto Nacional de Educação de Surdos no Contexto da História da Educação de Surdos	20
1.3 Aspectos Históricos e Políticos da Educação de Surdos	23
1.4 Linha do Tempo: Eventos Relevantes	32
1.5 Letramento Político e Identitário	35
1.6 Desafios da Educação Bilíngue	38
2. Objetivos	43
2.1 Objetivo Geral	43
2.2 Objetivos Específicos	43
3. Material e Métodos	44
3.1 Abordagem Bilíngue do Produto	44
3.2 Temáticas Históricas e Educacionais	45
3.3 Criação de Personagens, Imagens e Histórias	46
3.4 Construção do Protótipo do Produto	47
4. Resultados e Discussão	48
5. Considerações Finais	53
5.1 Conclusões	53
6. Perspectivas	54
7. Referências Bibliográficas	55
8. Apêndices	58
8.1 Partes do livro infantojuvenil bilíngue: A FADA SURDA ABRE O LIVRO DA HISTÓRIA	58
8.2 Fotos da minha vida pessoal e educacional	63

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ASL - American Sign Language

ARPEF - Associação de Reabilitação e Pesquisa Fonoaudiológica

CES - Centro Educacional de Surdos Pilar Velazques

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

Libras - Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação

SESC - Serviço Social do Comércio

SUVAG - Sistema Universal Verbotonal de Audição Guberina

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIR - Universidade Federal de Rondônia

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de informações extraído do relatório do diretor Tobias Leite, de 1886

Figura 2 – Imagem de página do livro digital que é produto do presente trabalho

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diacronia de eventos relevantes

Quadro 2 - Comparação entre dois livros digitais

RESUMO

Trata o presente trabalho da produção de literatura bilíngue (Libras/língua portuguesa), visando difundir aspectos da História da Educação de Surdos para o público infantojuvenil. O livro bilíngue teve como referência principal um conjunto de obras produzidas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, que são: “O INES e a Educação de Surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos”, e os seis volumes que compõem uma Série Histórica produzida pela Instituição no período de 2011 a 2014. O presente estudo tem como objetivo geral a elaboração de material literário bilíngue de conteúdo histórico para o público infantojuvenil, surdo e ouvinte, contribuindo para que surdos e ouvintes possam ampliar sua percepção de história para além de fatos e datas compreendendo-a como processo de conhecimento dos sujeitos em seus tempos e espaços, visando contribuir com a construção de consciência identitária através da circulação de ideias sobre aspectos da História da Educação de Surdos, e suas lutas, na Europa e nas Américas, e promover diálogo entre minha trajetória pessoal e de STROBEL, na qualidade de professoras surdas, colocando em perspectiva a construção de identidades políticas a partir do conhecimento das lutas históricas dos surdos. Os principais resultados obtidos foram: um livro bilíngue composto de duas versões: um livro impresso com um texto em língua portuguesa acompanhado de imagens ilustrativas, e um texto bilíngue digital que será disponibilizado gratuitamente na Internet. É um material produzido principalmente para a comunidade surda, mas, não só. O presente trabalho, com a construção de imagens e narrativas históricas apropriadas para as faixas etárias, amplia o conhecimento da História e colabora para o desenvolvimento da capacidade crítica e da visão política. Concluímos que o produto é inédito, e o texto foi elaborado com temáticas históricas de baixa complexidade, o que permitiu que se utilizassem duas línguas em texto adequado para o público ao qual se destina. O produto deste trabalho contribui para que surdos e ouvintes possam ampliar sua percepção de História para além de fatos e datas, além de promover o letramento político e colaborar com a difusão da cultura surda e da literatura surda.

PRODUTO: Obra literária bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) destinada ao público infanto-juvenil sobre aspectos da História da Educação de Surdos.

Palavras-chave: História, INES, surdos, literatura infantojuvenil.

ABSTRACT

This present work deals with the construction and production of bilingual children's literature, in Brazilian sign language and Portuguese, aiming to spread the History of Deaf Education to the children and teenagers. The bilingual book will have as its main references works produced by the National Institute of Deaf Education (INES), which are: "O INES e a Educação de Surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos", and the six volumes that make up a historical series produced by the Institution from 2011 to 2014. Its overall objective is to elaborate bilingual literary material of historical content for children and teens, both deaf and listeners and contribute so that children and teens, both deaf and listeners, can expand their view of history to beyond facts and dates, understanding it as a process of knowledge of the subjects in their times and spaces, in order to contribute to the construction of an awareness of identity through the circulation of ideas on aspects of the history of deaf education and its struggles in Europe and the Americas. Additionally, we to promote dialogue between my personal trajectory and that of STROBEL as deaf teachers putting in perspective the construction of political identities from the knowledge of the historical struggles of the deaf. The main results obtained were: a bilingual book composed of two versions: a printed book with a Portuguese text and illustrative images, and a bilingual digital text that will be available on the Internet for free. It is a material produced mainly, but not only, for the deaf community. The present work, with the construction of historical images and narratives appropriate for the age groups, expands knowledge of history and contributes to the development of critical thinking capacity and political view. We conclude that the product is unprecedented, whose text was elaborated with historical themes of low complexity, which allowed the use of two languages in a content that is suitable for the audience for which it is intended. The product of this work contributes so that deaf people and listeners may broaden their perception of History beyond facts and dates, as well as to promote political literacy and collaborate with the diffusion of deaf culture and deaf literature.

PRODUCT: Bilingual literary work (Libras / Portuguese Language) aimed at children and adolescents about aspects of the History of Deaf Education

Keywords: History, INES, deaf, children's literature.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Minha Trajetória de Estudante e Mulher Surda

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outro, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p.30)

Este trabalho apresenta aspectos da trajetória histórica da educação de surdos, portanto, entendo ser relevante registrar aqui a minha trajetória como estudante e mulher surda.

Sou pedagoga especializada em Língua Brasileira de Sinais - Libras, surda congênita bilateral profunda, casada com um engenheiro surdo congênito bilateral profundo.

Eu nasci surda pura e também com deficiência de mobilidade em 16 de novembro de 1987, no Acre.

Com um ano e um mês minha mãe percebeu que eu era surda. Fui protetizada assim que a surdez foi diagnosticada.

Meus pais mudaram para São Paulo para eu ter um melhor atendimento clínico. Minha mãe me matriculou no Centro SUVAG, onde eu recebia atendimento fonoaudiológico todos os dias, por duas horas.

Depois voltamos para Manaus. Lá havia duas escolas de surdos: uma da Igreja Católica e outra estadual. Minha mãe escolheu a escola das freiras (Instituto Filippo Smaldone). Essa escola achava mais importante a língua oral, e era bem radical: as professoras advertiam as crianças para que não usassem sinais. Nessa escola havia fonoaudióloga para os alunos.

Nesse tempo, em quase todas as escolas o uso da língua de sinais não era estimulado e eu continuei sem conhecer a língua de sinais. Minha família achava que eu não precisava da língua de sinais.

Com cinco anos de idade, minha mãe me levou no Centrinho, em Bauru (São Paulo), para fazer todos os exames. Lá no Centrinho (que era um centro de reabilitação da USP), disseram que o melhor para "tratar" a surdez era no Rio de

Janeiro ou em São Paulo. Então, minha família mudou para o Rio de Janeiro e foi procurar a ARPEF, porque já conhecia o método SUVAG.

Aqui começa a trajetória da minha família buscando uma educação de surdos de qualidade. Moramos em muitos lugares diferentes, sempre procurando o melhor: a melhor escola e a melhor clínica de fonoaudiologia. Minha mãe e meu pai não entendiam a importância da língua de sinais na minha educação.

Minha mãe me matriculou na ARPEF, em Botafogo. Lá ela teve uma surpresa: a clínica de fonoaudiologia do SUVAG agora trabalhava com a língua de sinais e o nome do professor surdo que ensinava a Libras para as crianças da clínica era Nelson Pimenta. Minha mãe matriculou-se num curso de Libras em que o Nelson Pimenta era professor, para aprender a língua de sinais¹ e minha mãe me levava junto - eu era muito pequena, mas eu fiquei curiosa de aprender a língua de sinais com um professor surdo.

Isso mostra a necessidade de refletirmos com seriedade sobre a importância de trazer as crianças surdas ao contato com surdos adultos para criarem um vínculo identificatório cultural, a fim de evitar que essa habitual dúvida surgida com o “olhar” ao seu redor na vida cotidiana possa pesar nas suas reflexões e provocar futuras angústias e ansiedades. (STROBEL, 2013, p. 48)

Minha mãe entendeu a importância da língua de sinais e começou a ensinar para mim tudo o que ela aprendia no curso com o professor Nelson. A partir daí, a comunicação com a minha família melhorou muito, porque, antes, eu não entendia o que a família falava nas conversas com as bocas. Eu não entendia nada. Não era feliz. Quando a minha mãe fez o curso de Libras e me ensinou, fiquei feliz. Abri os olhos quando aprendi a língua de sinais. Se minha mãe pudesse me ensinar antes, quando eu era bebê, eu aprenderia a língua de sinais naturalmente e precocemente.

Quando um bebê nasce surdo, ele desenvolve inicialmente as mesmas fases de linguagem que o bebê ouvinte: grito de satisfação, choro de dor e fome, sons sem significados, até mais ou menos seis meses de idade. Quando chega à fase de balbúcio é que começa a ser diferenciado de outro. Porque o bebê ouvinte, podendo ouvir os sons do ambiente ao redor de si, tenta se comunicar emitindo sons, enquanto o bebê surdo, não ouve sons do ambiente e, por isso, as primeiras “palavras” não surgem. Consequentemente, fica com a aquisição de linguagem atrasada e limitada

¹ A comunicação por gestos já teve várias denominações (linguagem mímica, mímica, comunicação gestual, linguagem sinalizada). Nos anos 60, do século XX, esse modo de comunicação entre surdos adquire status de língua a partir das pesquisas do americano William Stokoe. (ROCHA, 2007).

por falta de continuidade e acesso aos conhecimentos e informações externas. (STROBEL, 2013, p. 54)

Estudei numa pré-escola chamada Espaço Aberto, em Niterói. Nessa escola havia poucos alunos e algumas crianças com deficiências como Síndrome de Down. Lá não havia a língua de sinais, mas, havia uma atenção individual para cada aluno.

Minha mãe ou nossa amiga Maria da Glória (Duda), que morava em nossa casa, me levavam de ônibus e metrô na ARPEF todo dia. Eu não andava ainda porque tinha deficiência de mobilidade. Eu tinha 5 anos quando minha amiga e "babá" Duda fez um curso de Libras.

Eu treinava a voz numa fonoaudióloga. A fonoaudióloga me ensinava a falar com a mão no pescoço para sentir a vibração da voz. Se eu falava errado, a fonoaudióloga me beliscava. Eu não tinha culpa, porque não ouvia tudo completo. Contei a minha mãe e ela não gostou, então, eu saí da fonoaudióloga.

O que minha família encontrou primeiramente foi a dificuldade em conseguir a atenção linguística adequada (até mesmo em escolas de surdos).

Depois voltamos para Manaus e eu fui estudar no Instituto Gamaliel, com meus irmãos. O meu irmão Filipe, mesmo sendo mais novo, ficava sempre na mesma sala comigo.

Passou um tempo e minha mãe foi trabalhar como professora na Universidade Federal Fluminense, então, fui para a escola regular Objetivo, em Piratininga, Lá também não havia a língua de sinais; só oralização. Eu estudava sempre na mesma escola que meus irmãos, e passei a ter a Duda como "intérprete". Eu lembro que eu não era feliz na escola, por que não ouvia nada. As colegas não conversavam muito comigo. Eu só usava o visual e as colegas usavam a oralização. Eu me sentia sozinha.

A professora escrevia no quadro e eu copiava no caderno. A professora corrigia todas as palavras. Mas eu não entendia muito claramente o significado das palavras. Só copiava as palavras e parecia um robô.

Eu ficava olhando as colegas escreverem. Elas acertavam e gritavam com alegria, e eu não ficava feliz, porque não ouvia. A professora corrigia os erros do meu ditado. Eu ficava triste e não entendia nada.

No início, nem percebia que estava sem ouvir. Eu sentia que não ouvir era natural.

Porque as pessoas não conhecem e não sabem como é o mundo dos surdos e fazem suposições errôneas acerca do povo surdo. Quando a palavra “surdo” é mencionada, que imagens vêm a mente das pessoas? Lane (1992, p. 26) explica que é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para se integrar é preciso adquirir a cultura ouvinte, isto é, para viver “normal”, segundo a sociedade, é preciso ouvir e falar:

Ao imaginar como é a surdez, eu imagino o meu mundo sem som – um pensamento aterrorizador e que se ajusta razoavelmente ao estereótipo que projetamos para os membros da comunidade dos surdos. Eu estaria isolado, desorientado, incomunicável e incapaz de receber comunicação”. (STROBEL, 2013, p. 26)

Minha mãe começou a fazer o doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ela queria ir para Porto Alegre porque sabia que tinha uma escola de surdos lá (Escola Concórdia-ULBRA). Ela decidiu que eu, meu irmão mais velho Nelsinho, meu irmão caçula Filipe e minha amiga Duda mudaríamos para Porto Alegre em 1997. Foi a primeira vez que eu estudei numa escola bilíngue de surdos. Eu tinha nove anos na época.

Desenvolvi a língua visual, a língua de sinais e fiquei muito feliz. Aprendi as aulas com a professora ouvinte que sabia Libras. Eu estava aberta para aprender o conhecimento e achava tudo delicioso. Mas, eu não percebia que a Libras tem gramática e que existem normas linguísticas da língua de sinais. Só sabia que a língua de sinais era visual. Eu comunicava com a língua de sinais e com surdos maravilhosos, principalmente com a minha amiga surda Camila, com quem eu conversava demais.

Assim, como o linguista sueco surdo Wallis (1990,p.16) afirma: Se os surdos têm contato com a língua de sinais desde cedo; assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações. (STROBEL, 2013, p. 47)

Minha mãe me falou que ia fazer o livro “Educação de Surdos: a Caminho do Bilinguismo”. Foi seu primeiro livro, e ela colocou na capa a minha foto com meus amigos.

Minha mãe me ensinava pouco nas tarefas da escola em casa, porque ela estava sempre muito ocupada e estudava muito para ser doutora, então, eu perguntava as dúvidas da língua portuguesa e de outras disciplinas para a Duda. Minha mãe é maravilhosa, porque ela respeita a cultura surda e sempre estimula,

dizendo que os surdos são capazes e inteligentes. Ela pesquisa como é a educação de surdos nas escolas.

Quando voltamos para o Rio de Janeiro, em 1998, encontramos o CES (Centro Educacional de Surdos Pilar Velazques). Eu fiquei muito apaixonada com a comunicação em língua de sinais e com os surdos nessa escola. Os professores ouvintes sabiam Libras e ensinavam com a sinalização direta em todas as disciplinas. Eu aprendi coisas maravilhosas com o visual da Libras. Entendi muito claro, melhor do que com a oralização.

Depois voltamos para Manaus e eu fiquei com muita saudade da minha escola só de surdos, porque tive que estudar em escola regular. Minha mãe me disse: "Vou trazer um intérprete de Libras para você". Eu fiquei triste mas aceitei, porque amava a escola de surdos. Sou surda e visual; para mim o natural é a Libras e a comunicação com surdos.

Na adolescência, minha mãe me perguntou: "Você quer um implante coclear?". Pensei que minha mãe fosse a favor do implante coclear e perguntei brava para minha mãe: "VOCÊ QUER IMPLANTE COCLEAR PARA MIM?". Ela respondeu: "Não, querida! Eu respeito o que você quer...". Eu entendi o que ela falou, e eu respondi que não queria implante coclear, porque eu estou feliz sem ouvir; eu posso usar a língua de sinais visual e posso ler os livros e escrever... não preciso de mais nada. Ela compreendeu; ela respeita o que eu quero.

Quero ser como eu nasci: natural como os ouvintes. Eu não me preocupo se eu não sei falar bem. Eu posso escrever num papel e mostrar aos ouvintes, para conseguir comunicar normalmente. Se os ouvintes quiserem aprender Libras será ótimo para mim. Nunca estou triste porque sou surda. Sou apaixonada com o ser surda!

Eu reclamava com minha mãe Nidia que eu queria mudar para uma escola de surdos em São Paulo, porque muitos surdos amazonenses me falaram que lá era muito bom. Eu ficava sonhando somente com uma escola de surdos puros. Minha mãe aceitou que nossa família mudasse para São Paulo em 2004. Eu tinha dezessete anos.

Minha mãe achou uma escola de inclusão mas, que tinha muitos intérpretes de Libras, muitos surdos e uma coordenadora surda. Fiquei feliz, conheci muitos surdos que se comunicavam maravilhosamente.

Depois, minha mãe foi trabalhar na Universidade Federal da Bahia e houve nova mudança de endereço. Em Salvador eu conheci um surdo oralizado. Ele aprendeu a Libras rapidamente, porque queria namorar comigo. Ele treinou com fonoaudiologia até quatorze anos de idade e estudou sozinho até a faculdade de Engenharia Elétrica. Depois que casamos, ele ainda estudou a Especialização em Educação Matemática.

Meu esposo é surdo profundo bilateral também. Ele conseguiu um emprego de engenheiro numa fábrica do Distrito Industrial de Manaus, então, resolvemos casar quando eu tinha vinte e um anos e ele tinha vinte e cinco anos. Eu e Raul sempre comunicamos com a língua de sinais maravilhosa em casa, sem falar com a voz, mas nos entendemos com a comunicação naturalmente. Nós moramos sozinhos. Não precisamos depender dos meus pais e nem dos pais dele.

Eu e Raul amamos os nossos cachorros: Neno (macho) e Nina (fêmea). Os cachorros sabem que nós somos surdos. Eles não latem muito, pois eles percebem que nós somos surdos.

Também quando alguém chega à porta, eles latem e nós percebemos o visual, que significa que alguém chegou. Às vezes eu e Raul conversamos na língua de sinais e os cachorros começam a latir. Eu percebo que eles querem que nós demos atenção para eles. Neno mexe o meu braço com chamada carinhosa e eu sou carinhosa com ele.

Dentro dessas famílias surdas, quando têm bichos domesticados, como cachorros ou gatos, estes se habitam a entender as ordens dadas em língua de sinais ou arranjam maneiras para ajudar os membros surdos. Por exemplo, a minha cachorrinha Asteca, ela sabe que sou surda e quando lá em casa tocam a campainha na porta, ela vem me avisar com um olhar, mexendo o rosto, como uma espécie de linguagem corporal. (STROBEL, 2013, p. 66)

Depois de casada eu comecei a cursar a faculdade de Pedagogia. Não sabia muito bem qual era o significado de ser pedagoga. Durante o curso, dei aulas como professora de Libras na minha faculdade. Também dei aulas de Libras no SESC. O trabalho que mais amei foi ser professora de Libras para os ouvintes.

Nelson Alves foi o melhor intérprete de Libras que tive. Ele interpretava e eu entendia muito claramente. Comecei a dar muitas opiniões, ideias... Eu levantava a mão e os professores viam que eu sinalizava a minha opinião. O Nelson interpretava

tudo o que eu falava para os professores. Então, os professores admiravam. Eles perguntavam para o Nelson: "Você opinou?". O Nelson respondia que não opinou, que foi a Nivia que opinou tudo, e que ele apenas traduzia.

Eu me formei em 2011. Agora entendo muito claramente o significado da pedagogia. A pedagogia é muito importante para os surdos. Entendi que, para a educação de surdos melhorar, é preciso um docente que saiba muito bem a língua de sinais e que tenha ideias e planejamentos para os surdos. Compreendendo como é o processo de aprendizagem dos surdos. Pode ser um docente ouvinte, mas precisa entender as estratégias do docente surdo. Para os surdos, o docente surdo é melhor do que o ouvinte, porque o docente surdo tem mais experiência e sabe muito bem a língua de sinais. Mas precisa que o supervisor observe se o docente sabe mesmo muito bem a língua de sinais. Na realidade, alguns diretores e supervisores aceitam docentes ouvintes que não sabem bem a língua de sinais e deixam que trabalhem na escola com surdos, então, os surdos aprendem muito pouco.

Quando eu comecei o estágio tinha pouca experiência com a aprendizagem. Fiquei triste porque vi que os surdos nos colégios de inclusão não aprendem muito bem.

Os surdos são inteligentes, podem aprender na sua língua para que no futuro possam mostrar seu valor conseguindo ser bons profissionais, mas a família precisa aprender a língua de sinais. Assim, a sociedade vai valorizar os surdos.

Atualmente é muito importante que as escolas de surdos tenham materiais e livros com os assuntos: cultura surda, identidade surda, história de educação de surdos e política surda, no ensino infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, no ensino superior e até no pós-doutorado. É muito importante ter respeito com a cultura surda. A cultura surda necessita ser livre.

É muito importante a escola bilíngue Libras/Português como segunda língua. A escola de inclusão necessita de intérpretes de Libras para os alunos surdos. Creio que vai melhorar a educação de surdos no futuro e os surdos vão poder ser profissionais em qualquer área. Mas, há alguns professores surdos, e alguns ouvintes também, que são preconceituosos se professores surdos sabem a Língua Portuguesa apenas mais ou menos. Os surdos não têm culpa se a maioria das famílias é ouvinte e não sabe Libras, e não ensina seus filhos. Também não têm culpa se não há intérpretes de Libras na escola!

Eu já sofri porque alguns professores surdos são preconceituosos. Precisamos de união sobre como ensinar os alunos ouvintes.

Outro dia alguém me convidou para dar uma palestra sobre “Cultura Surda”. Eu aceitei dar a palestra. Um professor surdo viu e me perguntou se eu podia trocar para outro assunto mais fácil. Eu não aceitei. Eu quis dar a palestra sobre cultura surda! O professor surdo ficou quieto. Percebi que ele achava que eu não sabia nada. Eu palestrei para as pessoas. As pessoas adoraram e deram atenção. Uma pessoa me disse: “Eu quero largar o curso de Fonoaudiologia e quero fazer o curso de Letras-Libras.” Fiquei feliz.

Outra vez, um professor me deu um papel com questões com palavras que eu não conhecia. Minha colega surda sabe muito bem a Língua Portuguesa, então, eu perguntei o que significava uma palavra. A minha colega surda me sinalizou com expressão de mal humor e me explicou o significado. Eu magoei, mas fiquei quieta. Vi que ela tem preconceito igual a certos ouvintes preconceituosos também.

Outro dia eu conversava com minha colega ouvinte e ela me perguntou qual o sinal de uma palavra da Língua Portuguesa. Eu fiquei com vergonha porque não conhecia a palavra. Eu estava perto de duas professoras surdas e elas sabiam que eu estava fazendo o curso de Mestrado. Eu respondi a verdade para minha colega ouvinte: que eu não conhecia a palavra. As duas professoras surdas viram e me falaram com caras de mal humor: “COMO VOCÊ NÃO SABE A PALAVRA? VOCÊ NÃO É MESTRANDA?”. Fiquei magoada. Repeti que não conhecia a palavra. A outra colega ouvinte me explicou o significado, eu entendi e então mostrei o sinal para ela.

Essa parece ser uma situação semelhante à vivenciada pela professora surda Karin Stroebel:

Eu, junto de um grupo de alunos surdos que passaram no vestibular para Letras/Libras, conversava com uma assistente social da universidade para vermos alojamento para eles; elucidei a ela que sou doutoranda, e eles, alunos da graduação; finalizei explicando o motivo de estar lá; a assistente social pegou papel para fazer cadastro e perguntou para nós: “você sabem ler?”. Abismada, expliquei de novo que sou doutoranda e que eles têm graduação; ela repetiu a pergunta... Irritei-me: “pensa que somos analfabetos?” (2013, p. 29)

Em 2014, surgiu a oportunidade de fazer um Concurso Público para Professora de Libras na Universidade Federal de Rondônia. Fiz o concurso e passei. Estou

apaixonada por ensinar Libras, cultura surda, identidade surda, etc. Os ouvintes precisam de informação sobre como os surdos sofreram na história. Os ouvintes podem aprender a respeitar a educação de surdos e a cultura surda. Os ouvintes e os surdos podem fazer a união de amizade no mundo. Meu Departamento liberou-me para eu cursar o mestrado na UFF, no Rio de Janeiro.

1.2. O Instituto Nacional de Educação de Surdos no Contexto da História da Educação de Surdos

No Curso de Mestrado, a orientadora foi a professora Solange Rocha do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, pesquisadora da História da Educação de Surdos, e coordenadora da linha de pesquisa Surdez e Sociedade junto ao CNPq. Dedicamo-nos a estudar a História da Educação de Surdos e a importância do INES – Centro de Referência na Educação de Surdos no Brasil. O INES é uma instituição de 160 anos de história e tem uma escola de Ensino Básico específica para surdos e também tem o Curso Bilíngue de Pedagogia.

Não estudei no INES, mas fui com meus pais conhecer o INES muito cedo. Minha mãe tentou conseguir uma vaga no INES mas, algumas professoras, amigas dela, disseram que o INES era uma escola muito confusa e que eu não deveria estudar lá. Então, fui estudar numa escola inclusiva com intérprete. O INES é um Centro de Referência para o Brasil, mas, isto não significa que seja uma escola perfeita; o INES tem dificuldades como qualquer outra escola. Mas, nós, os surdos, amamos o INES, ainda que ele seja um Instituto que às vezes está mais perto do que desejam os surdos e às vezes se afasta do que a comunidade surda acredita que seja o melhor para a Educação de Surdos. No entanto, nós, os surdos, vamos para sempre defendê-lo, porque o INES é a principal referência da nossa História.

Muitos surdos não sabem quase nada sobre a história do INES, por isto é importante que desde criança aprendam sobre o que aconteceu lá, porque é uma história bonita e de vitórias. Vamos continuar defendendo o INES como uma escola de surdos!

O INES foi a primeira instituição de Educação de Surdos a ser criada no Brasil. Foi fundada no ano de 1856 pelo professor surdo francês E. Huet. Ele teve a ideia

de criar uma escola só de surdos, e, em 1855, apresentou a proposta ao Imperador D. Pedro II.

E. Huet tinha sido diretor do Instituto de Surdos-Mudos de Bourges, na França. Cem anos depois, em 1957, o Instituto mudou sua denominação, retirando a palavra "Mudos" e acrescentando a palavra "Educação", passando a ser denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (ROCHA, 2007).

Hoje o INES é a instituição mais importante do Brasil em termos da Educação de Surdos. O INES tem cerca de oitocentos alunos e é o centro de referência do Ministério da Educação responsável pela Política Nacional de Educação de Surdos. Essa responsabilidade do INES está registrada nos seguintes documentos: Portaria MEC nº 323, de 08 de abril de 2009, publicada no Diário Oficial da União de 09 de abril de 2009, e no Decreto nº 7.690, de 02 de março de 2012, publicado no Diário Oficial da União de 06 de março de 2012.

Antes, na escola regular, eu não tinha informação sobre a História da Educação de Surdos. Lá só aprendi a história geral dos ouvintes. Depois me informaram sobre o curso de Letras Libras, mas, quando houve o vestibular, eu ainda não tinha terminado o Ensino Médio.

Minha melhor amiga surda passou no vestibular para o Letras/Libras e me deu um DVD sobre a História da Educação de Surdos. Eu não conhecia a história, por isso entendo que não tinha muita consciência da minha identidade surda. Percebi que é muito importante aprender a História da Educação de Surdos mais cedo possível, para que os surdos e ouvintes tenham consciência da identidade surda que entendo como libertária.

Essa tomada de consciência identitária surda, através do conhecimento da história das lutas políticas dos surdos, pode ser comparada à consciência negra. Os negros são narrados majoritariamente na História como escravos. O preconceito criado historicamente persiste. As crianças negras sofrem constrangimentos em sociedades racistas. Mas o povo negro precisa lutar e contar suas Histórias de luta e resistência para que crianças negras construam sua identidade política. As crianças negras precisam crescer e entender a consciência política da identidade negra, para aceitar sua identidade negra. Igualmente o povo surdo: precisa de consciência política e da identidade surda.

De uma maneira geral, há muito desconhecimento quanto às reais possibilidades dos surdos. Essa realidade, que ainda perdura, acaba por promover

projetos educacionais que não atendem às necessidades dos surdos. O foco na aquisição de linguagem oral, por exemplo, é algo que prejudica essa consciência, inclusive por parte dos surdos. Parece que houve um desprezo pela língua de sinais e sua real potência ao longo da história. Precisamos contar a História da Educação de Surdos para as crianças surdas, para o surdo crescer com consciência política e identidade surda. Por isso pesquisamos esse tema, porque conhecer a História da Educação de Surdos pode favorecer, desde cedo, a tomada de consciência política e mostrar o poder da identidade surda.

Escolhemos fazer um projeto de pesquisa para a o desenvolvimento e a produção de material didático bilíngue (Libras/língua portuguesa) buscando contribuir com a divulgação da História da Educação de Surdos para o público infantojuvenil, e, também, para que possa ampliar a visão da História, para além de fatos e datas, compreendendo-a como processo de conhecimento dos sujeitos em seus tempos e espaços. Há poucos materiais didáticos visuais apropriados para os surdos desta faixa etária com conteúdo de História da Educação de Surdos, o que demonstra a relevância deste trabalho. O Decreto nº 5626/2005 orienta a que as escolas trabalhem com os surdos usando a Libras e materiais pedagógicos visuais.

Esse público, em geral, desconhece a História dos Surdos e das Instituições destinadas à sua Educação. Essas informações são importantes principalmente para os estudantes surdos que estão no Ensino Fundamental.

É importante que as crianças surdas conheçam a História da Educação de Surdos no Brasil e no mundo. Também é preciso divulgar a História da Educação de Surdos para toda a sociedade, pois a maioria das pessoas desconhece a trajetória histórica da Educação de Surdos. Na minha monografia na Especialização, estudei o relacionamento dos surdos com suas famílias. Agora, com o presente trabalho no Mestrado Profissional, quis criar um material didático que pode ajudar tanto os surdos infantojuvenis como as suas próprias famílias a entenderem como a História da Educação de Surdos, o Instituto Nacional de Educação de Surdos e a Língua Brasileira de Sinais são importantes para nós, surdos.

1.3. Aspectos Históricos e Políticos da Educação de Surdos

Conhecer aspectos da História da Educação de Surdos em linguagem acessível estimula o aluno surdo a se aproximar politicamente dos muitos desafios que tem a percorrer em sua vida. Para problematizar esses desafios tomamos como exemplo a minha trajetória e as de Karin Strobel, pois são quase as mesmas trajetórias de todos dos surdos que conhecemos. Não há como deslocar essas trajetórias da própria História da Educação de Surdos no Brasil e em países da Europa e dos Estados Unidos. Portanto esse trabalho apresenta o singular e o universal, a memória e a história.

As narrativas de memória de todo o percurso da minha família em busca de uma escola de qualidade e da própria construção da minha identidade como surda construiu minha percepção de História quando entrei em contato com a comunidade surda e com a luta política dos surdos.

Em tempos remotos as pessoas pensavam que os surdos não podiam aprender nada. As pessoas pensavam que os surdos eram deficientes intelectuais. Nas sociedades que valorizavam os corpos perfeitos, os surdos eram mortos. Demorou muito para que os surdos tivessem o direito de viver.

A informação que se tem é a de que, na Antiguidade, os surdos – enquadrados entre os “deficientes” – eram mortos, geralmente atirados de penhascos. O judaísmo e o cristianismo trouxeram uma elevação na significação da surdez e dos surdos, ao defenderem a ideia de que eram pessoas como outras quaisquer (que, inclusive, segundo tal perspectiva, precisavam de Deus, ou de Cristo, como qualquer outra pessoa). Os surdos são mencionados nos mais antigos registros históricos do Antigo Testamento e também no Novo. O primeiro registro é atribuído a Moisés que, por volta de 1450 a.C., escreveu que Deus lhe havia dito que ele mesmo [Deus] é quem cria o mudo, o surdo, o vidente, o cego, enfim, quem cria todas as pessoas como lhe apraz. A palavra “surdo” aparece 18 vezes na Bíblia, 13 vezes no Antigo e 5 vezes no Novo Testamento.” (SÁ, 2010, p. 68)

Na França, na década de cinquenta do século XVIII, encontramos registros dando grande destaque ao trabalho do abade francês Charles Michael de L'Épée (1721-1789), considerado uma das figuras mais importantes da educação de surdos. Esse destaque se deve ao fato de que desde o início de seu trabalho como educador respeitou a língua de sinais de seus alunos.

Em 1755, L'Épée fundou a primeira escola para ensino de surdos, que chegou a ter 60 alunos ricos e pobres indistintamente. Em seu trabalho,

utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também inventou outros, que denominava de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Essa escola foi de natureza privada e gratuita até 1791, quando foi transformada no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris, tendo sido seu primeiro diretor o abade Sicard (1742-1822). (ROCHA, 2008, p.18)

É importante destacar que não foi L'Épée quem criou a língua de sinais. A língua de sinais sempre existiu sendo impossível encontrar na História, sua criação. Não há esse momento. Na realidade podemos afirmar que onde há surdos em qualquer lugar ou tempo existe a possibilidade de desenvolvimento da língua de sinais. Santo Agostinho no século IV já dizia que os surdos comunicavam suas ideias através de sinais. Alguns textos defendem equivocadamente que ela nasceu nas abadias, onde religiosos faziam voto de silêncio. Isso é uma incorreção que deve ser evitada.

L'Épée contribuiu muito para o desenvolvimento da educação para surdos utilizando a língua de sinais. Sua posição levou-o a polemizar com o pastor alemão Samuel Heinicke (1721-1790), que defendia a educação de surdos através do método oral. Os surdos já sofreram muito no decorrer da história, com o preconceito contra a língua de sinais. A sociedade, de maneira geral, pensa que os surdos não têm conhecimentos, que os surdos não se desenvolvem, e pensa que a língua de sinais é pobre, por isto não a valoriza. Sempre houve um forte debate entre professores de surdos ao longo da história. Segundo Rocha,

Alemanha e França representavam duas grandes escolas que acabaram por dar nome a duas tendências relativas aos projetos educacionais para surdos. A escola alemã representava o método oral e a escola francesa o método combinado. Inúmeras publicações registram o debate público realizado entre o abade francês Charles Michel L'Épée (1712 – 1789) e o pastor alemão Samuel Heinicke (1729 – 1790), expoentes das duas escolas. (2008, p. 15)

Depois da criação da escola criada por L'Épée a educação de surdos se expandiu para os cinco continentes. Segundo Rocha,

Cumprir destacar que era comum que surdos formados pelos Institutos especializados europeus fossem contratados a fim de ajudar a fundar estabelecimentos para a educação de seus semelhantes. Com essa finalidade, por exemplo, em 1815, o norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet (1781-1851), realizou estudos no Instituto Nacional dos Surdos de Paris e, ao concluí-los, convidou o ex-aluno dessa instituição, Laurent Clérc, surdo, que já atuava como professor, para fundar o que seria a primeira escola para surdos na América. Pode-se afirmar, portanto, que a proposta de Huet feita ao Imperador do Brasil correspondia a esta tendência. (2008).

O debate promovido entre essas instituições presentes nos Congressos que promoviam, nos Anais, nos livros e compêndios parece que continua até hoje. Observo, partindo da minha experiência como surda, que algumas pessoas têm dificuldade de entender que é próprio para os ouvintes usarem a voz para falarem, e entendem melhor se ouvirem as palavras, mas os surdos não ouvem o que as pessoas falam com a voz e a maioria dos surdos não leem os lábios. Os surdos ficam confusos ao lerem os lábios porque há palavras muito parecidas (exemplo: banana e batata). Então, os surdos desenvolveram línguas de sinais, que são visualmente estruturadas através do movimento das mãos e das expressões faciais.

Em um dos Congressos organizados por essas Instituições, o de Milão, em 1880, o representante norte-americano, professor Gallaudet, filho do reverendo Gallaudet, e de mãe surda, defendeu o uso da língua de sinais nos projetos educacionais para surdos. O programa do Congresso contou com quatro temas centrais: Estabelecimentos e Materiais Escolares, Do Ensino, Métodos e Questões Especiais. A discussão mais narrada é quanto aos métodos de ensino. A tensão maior era entre a escolha do método mímico e o método oral. Por maioria foi indicado que o melhor meio para educar os surdos seria o método oral. Os surdos não estiveram presentes nesse congresso e não puderam defender sua posição favorável aos métodos mímicos, como podemos constatar no Congresso de Paris, em 1900, com a presença deles defendendo a língua de sinais na sua escolarização. No Instituto brasileiro as deliberações de Milão não foram acatadas, segundo o diretor Tobias Leite,

A leitura sobre os lábios e a articulação artificial, que não são como geralmente se crê entre nós, o ponto objectivo da educação dos surdos-mudos, e apenas um auxiliar mais ou menos util conforme a natureza da surdo-mudez e as condições do alumno, não foram ainda ensinadas neste Instituto, não só porque é o único meio de instruir surdos-mudos que é necessario aprender vendo praticar por mestres especiaes, como porque é tão pequeno o numero que aqui existe de surdos-mudos accidentaes, únicos que são susceptiveis de recebê-lo com vantagem...(apud Rocha, 2010)

Algumas pessoas achavam que os surdos viverem juntos era muito ruim porque o número de surdos iria crescer. Até mesmo Graham Bell, que tinha uma esposa surda pensava assim.

Devido ao desenvolvimento da língua de sinais, aos processos de identificação, aos casamentos endogâmicos e ao fortalecimento das

comunidades de surdos, surgiram pessoas, como Alexander Graham Bell, que achavam que os surdos deveriam ser separados não apenas da sociedade – como tinham sido as práticas usadas nas instituições -, mas uns dos outros. Graham Bell escreveu com veemência sobre os persistentes efeitos negativos do agrupamento de crianças surdas. Seu objetivo sempre foi o de impedir “a formação de uma variedade surda da raça humana”. Tais ideias escondiam (ou talvez declarassem) uma tentativa da eugenia – busca da melhoria das espécies humanas por meio do cruzamento controlado.” (SÁ, 2010, p. 73)

Como vimos, na educação de surdos sempre houve muitas disputas por projetos de diferentes naturezas. Os surdos continuam a lutar pela língua de sinais e para mostrar que são capazes, mas até hoje algumas pessoas ouvintes, e até alguns surdos, são contra a língua de sinais. Assim, surgiu o que chamamos de "Oralismo". Entendemos por Oralismo a imposição de que o surdo use a voz e treine restos de audição, treinando as palavras certas para não errar, seguindo o modelo ouvinte.

Os surdos podem treinar a fala para facilitar a comunicação com ouvintes e também para empoderar-se, mas, sem prejuízo da sua língua natural. Alguns profissionais desconsideram a singularidade dos surdos. Por exemplo: falar o som de banana e batata pode parecer diferente para os ouvintes, mas, para os surdos, o som é muito semelhante e a leitura dos lábios é complicada. Pedir aos surdos para repetir não adianta. Mas, na língua de sinais os sinais são bem diferentes para “banana” e “batata”, o que facilita para os surdos entenderem rápido e direto.

Por isto, se a educação de surdos for somente pela oralidade, haverá muito prejuízo.

No caso dos surdos, desde o famoso Congresso de Milão até os dias atuais, o oralismo consegue manter-se muito presente no território da chamada educação especial, ou seja, no âmbito integracionista, assimilacionista e terapêutico. Foi justamente esse modelo clínico e assistencialista, baseado na perspectiva do déficit e na hierarquização de processos cognitivos e de linguagens, que gerou mais de um século de história de fracasso – exclusão escolar dos estudantes surdos – que, na esmagadora maioria, devido a esses erros de interpretação de suas potencialidades, não alcançam os níveis mais altos da escolaridade, antes são condenados a viver sem o acesso à língua da comunidade majoritária (nem na modalidade escrita nem na oral), e até mesmo sem o acesso à língua natural para os surdos. (SÁ, 2010, p. 76)

Assim, a dificuldade dos surdos começa nas famílias, que não utilizam a língua natural dos surdos. A situação familiar é preocupante. Muitas famílias não conseguem conversar nem mesmo as coisas informais com seus filhos surdos. A

maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes e geralmente é a mãe que sabe a língua de sinais, porque sempre há uma sobrecarga para a mulher na nossa sociedade.

Segundo Quadros,

Muitas vezes os familiares têm vergonha de usar sinais. A língua de sinais não tem um status de importância na comunidade ouvinte em geral. É difundida a ideia de que são gestos, mímica, sinais icônicos com significado concreto, imediato, que não é uma língua que seja possível abstrair. Quem pensa assim nunca parou para observar a beleza da língua de sinais. Os surdos criam poemas, cenários inteiros com as mãos. Metáforas, hipérbolos, ironias... surgem nas piadas que eles amam contar. E suas mãos riscam no ar movimentos que parecem uma dança, num primeiro momento, mas que, associadas às expressões faciais, aos movimentos dos olhos, do corpo, de todo o conjunto de parâmetros envolvidos na comunicação espaço-visual, ganham significados diversos. (1997, p. 41)

Segundo Skliar, alguns pais chegam a criar sistemas de comunicação com as crianças surdas, mas estas invenções familiares não podem se comparar a uma língua, e, aí então, as crianças surdas continuam grandemente prejudicadas em seu desenvolvimento.

Entretanto, é difícil imaginar que os pais ouvintes que não aceitam as Línguas de Sinais renunciem a toda forma de comunicação com seus filhos surdos. Por isso, apesar do controle de certos profissionais, muitos pais criaram e desenvolveram sistemas de comunicação gestual com seus filhos que, por mais complexos que sejam não conduzem a criança surda a um processo formal de aquisição de informações linguísticas e sócio-culturais. (1997, p. 38)

No meado do século XX, foi surgindo paralelamente uma abordagem de ensino que usa todas as formas de comunicação: sinais, alfabeto manual, leitura labial, desenho, escrita, entre outras. A Comunicação Total surge nesse contexto,

Em meados do século XX, muitos educadores ouvintes, frustrados com o insucesso de seus esforços, foram atraídos por uma nova “filosofia” que propunha mudar a atenção do déficit audiológico – linguístico para o déficit da comunicação – a chamada “comunicação total” (total approach). Tal perspectiva permitiu o aparecimento de práticas diversas pelas quais se combinavam língua oral manualizada, gestos, fragmentos da língua de sinais, ou seja, qualquer recurso que colaborasse para o alcance do objetivo maior: a correta utilização da língua oral, bem como da escrita enquanto forma escolar privilegiada. Mais recentemente, linguistas, antropólogos, psicólogos e educadores propuseram um novo modelo – o “bilinguismo” – segundo o qual as duas línguas são vistas como possíveis ao acesso da criança surda. (SÁ, 2010, p. 77)

A língua de sinais é bastante diferente da Língua Portuguesa. Se se quer usar mãos, deve-se usar somente a língua de sinais no contexto. Se se quer falar com a voz, então, deve-se usar somente a Língua Portuguesa. A língua de sinais como vimos acima, tem uma gramática própria não sendo aconselhado usar duas línguas ao mesmo tempo.

Assim, surgiu a nova ideia na Educação de Surdos: o Bilinguismo. Essa nova abordagem foi muito impulsionada pelas pesquisas sobre a língua de sinais brasileira, que começaram no Brasil na década de 1980, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e depois na Universidade Federal de Santa Catarina.

No Brasil, a língua de sinais brasileira começou a ser investigada na década de 80 (Ferreira-Brito, 1986) e a aquisição da língua de sinais brasileira nos anos 90 (Karnopp, 1994; Quadros, 1995). (QUADROS, 1997, p. 4,)

Baseando-se na confirmação das pesquisas científicas, que apontavam que a língua de sinais é uma língua como outra qualquer, e que as crianças surdas filhas de pais surdos conseguiam melhores resultados na escola que as crianças surdas que tinham pais ouvintes, iniciou-se a luta pela Educação Bilíngue, para priorizar a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa como segunda língua.

Os recentes estudos dizem que é preciso usar a língua de sinais como veículo do processo de ensino-aprendizagem. Mas, no Brasil, a área da educação de surdos é problemática e as famílias ficam sem orientação segura. Capovilla comenta as políticas públicas de Educação atuais e faz um alerta:

O problema é que as escolas comuns que estão sendo forçadas a aceitar as matrículas de crianças surdas e a educá-las ainda são totalmente despreparadas para a comunicação em Libras e o ensino em Libras. Conseqüentemente, as crianças surdas estão sendo privadas da única comunidade escolar capaz de prover educação de verdade em sua língua materna(...). Crianças surdas são tratadas como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas quando são privadas, por força de política inclusiva discriminatória que as exclui ao ignorar suas necessidades linguísticas, de sua comunidade escolar sinalizadora onde sempre puderam usar língua de sinais como ferramenta metalinguística para aprender a ler e escrever, e exiladas em escolas de ouvintes que desconhecem Libras, onde são forçadas a tentar compreender a língua falada (presumivelmente por leitura orofacial) de modo a se alfabetizar. (2011, p. 81)

A Lei 10.436 de 2002 e o Decreto 5626 de 2005, que a regulamentou, passaram a garantir e apontar para uma educação bilíngue, tendo a língua de sinais brasileira como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita como

segunda língua para a escolarização dos surdos. A lei nº 10.436/2002 reconhece a língua brasileira de sinais como meio oficial de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como ensinar Libras nos cursos de formação de professores e fonoaudiólogos.

Há um debate bastante polarizado entre os que defendem a escola bilíngue e os que defendem a escola comum. Os argumentos desses é que os surdos precisam da comunicação com ouvintes e a convivência ajuda a aquisição da língua portuguesa. Esse argumento não considera a cultura surda e a identidade surda. Também alguns profissionais do Ministério da Educação insistem nas escolas inclusivas. Mas os doutores surdos e a comunidade surda de uma maneira geral lutam para criar escolas bilíngues (principalmente as que são específicas para surdos a fim de garantir o ambiente linguístico natural necessário para a aquisição linguística natural) e para não permitir que a educação de surdos esteja restrita às salas do Atendimento Educacional Especializado, que é paralelo à escolarização. Essa luta está em pleno curso.

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007) diz que os surdos têm direito a adquirirem a língua de sinais e também têm o direito a terem professores que usem a língua de sinais.

Ao se falar de Educação de Surdos, é imprescindível abordar o tema da “inclusão”, pois, atualmente, tem sido esta a direção política no Brasil: a compreensão de que “inclusão” refere-se à defesa do “direito” de todos os alunos com deficiências (sensoriais, físicas ou intelectuais) estarem nas escolas comuns. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva defende a ideia de que todos os alunos têm o “direito” de participarem do mesmo espaço escolar, para evitar qualquer tipo de discriminação – e toma este aspecto como o mais importante de um processo de “inclusão”. No entanto, esta direção governamental tem sido alvo de críticas e de processos de resistência. Assim, este tema merece ser investigado, visto que toda política pública gera mudanças tanto no contexto educacional como na configuração geral da sociedade. (SÁ e SÁ, 2015, p. 18)

Parece que ainda falta muita luta para que não acabem com as escolas de surdos e as classes de surdos. Parece que sempre que os surdos conquistam algo, logo têm que lutar para não destruírem os direitos conquistados.

Uma das consequências da Política Nacional de Educação Especial são os sentimentos de desconforto, indefinição e perplexidade suscitados na área da educação de surdos. A Política direciona os surdos para a escolarização na escola comum e sugere inconfessadamente que as

escolas de surdos devem ser fechadas ou transformadas em escolas regulares com o serviço complementar ou suplementar de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno. No entanto, esperando que algo possa acontecer para reverter este quadro que causa desconforto e perplexidade, as remanescentes escolas de surdos ainda se mantêm na expectativa – não querem acreditar no que está sendo determinado. Felizmente, após muita luta dos movimentos sociais, o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) legitimou as “classes e escolas bilíngues” – não sem enfrentar o *lobby* inclusivista! (SÁ e SÁ, p. XLVII)

É forte a defesa pela educação bilíngue. Com a educação bilíngue os surdos podem desenvolver normalmente. As famílias e os professores ouvintes precisam entender a importância da cultura surda e da visualidade das línguas de sinais.

Os surdos compreendem que os ouvintes sentem-se felizes com suas comunicações cheias de vozes, de sons, de falas, mas, semelhantemente, os surdos amam as línguas de sinais.

Atualmente, muitos profissionais discutem a escola bilíngue e a escola comum para surdos, mas a maioria dos profissionais prefere a escola comum, infelizmente. Eles acham que os surdos precisam da comunicação com ouvintes e que isto ajuda os surdos a aprender em português. Eles não conhecem a cultura surda e a identidade surda.

Negar as escolas e as classes específicas de surdos é um grande erro da atual política nacional de educação para surdos. Os surdos têm direito a línguas, materiais pedagógicos e instrumentos que lhes deem acesso à informação e ao conhecimento em ambientes linguísticos naturais. Nas escolas comuns, a maioria dos surdos sofre, porque os ouvintes conversam, falam e ouvem tudo, mas os surdos dependem somente do visual.

Além das dificuldades nas famílias, nas escolas comuns geralmente faltam materiais acessíveis para surdos e o Atendimento Educacional Especializado não é um ambiente natural de aquisição linguística.

As famílias de ouvintes ensinam a língua portuguesa para os ouvintes e eles aprendem a escrever e a ler normalmente. Os ouvintes criam leis para a educação de ouvintes na escola regular e isto já desenvolveu e prosperou os ouvintes. Mas, os surdos nascem e, se adquirem a língua de sinais materna, e se a família estimula a língua de sinais e a língua portuguesa, os surdos aprendem e crescem bilíngues.

1.4. Linha do Tempo: eventos relevantes

O recorte do tempo em períodos é necessário à história, quer seja ela considerada no sentido geral de estudo da evolução das sociedades ou no tipo particular de saber e de ensino, ou ainda no sentido de simples desenrolar do tempo. Entretanto, essa divisão não é um mero fato cronológico, mas expressa também a ideia de passagem, de ponto de viragem ou até mesmo de retratação em relação à sociedade e aos valores do período precedente. (LE GOFF, 2015, p.12)

Para que possamos melhor conhecer a trajetória histórica do campo da educação de surdos desenvolvemos uma diacronia de eventos relevantes, diacronia esta que serviu de base para a construção da obra literária desenvolvida neste trabalho (Quadro 1).

Quadro 1 - Diacronia de eventos relevantes

1501 1576	Girolamo Cardano era um médico que reconhecia a habilidade do surdo para a razão. Afirmou que a surdez não é impedimento para desenvolver a aprendizagem e que o meio melhor de educá-los é através da escrita.
1510 1584	Pedro Ponce de Leon, monge beneditino, estabeleceu a primeira escola para surdos num Monastério, em Valladolid, Espanha. Inicialmente ensinava latim, grego, italiano, conceitos de física, e astronomia para dois irmãos surdos, Francisco e Pedro, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis. Francisco conquistou o direito de receber a herança como marquês de Berlanger e Pedro se tornou padre com a permissão do Papa. Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, a escrita e a oralização. Mais tarde ele criou uma escola para professores de surdos. Porém ele não publicou nada em sua vida e depois de sua morte o seu método caiu no esquecimento.
1614 1684	John Bulwer publicou "Chirologia e Natural Language of the Hand", que preconiza a utilização de alfabeto manual, língua de sinais e leitura labial. John Bulwer acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos na iconicidade.
1620	Primeiro livro publicado sobre educação de surdos: "Reduction De Las Letras, Y Arte Para Ensenar a Ablar Los Mudos" de Juan Pablo Bonet, Espanha.
1729 1790	Samuel Heinicke é considerado o precursor do Método Alemão. Em 1778, Heinicke fundou a primeira escola em Leipzig. Inicialmente a sua escola tinha

	<p>nove alunos surdos. Seu método de ensino era oral, embora utilizasse alguns sinais e o alfabeto digital, com o objetivo de desenvolver a fala.</p> <p>Samuel Heinicke publicou uma obra: “Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra”.</p>
1742	Nasceu o abade Sicard, que foi o primeiro diretor do Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris.
1755	Abade L'Epée fundou a primeira escola para ensino de surdos na França, com quase 60 alunos. Em seu trabalho utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também inventou outros, que denominava de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Essa escola foi de natureza privada e gratuita até 1791.
1760	Thomas Braidwood abriu a primeira escola para surdos na Inglaterra, ele ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial.
1787 1851	<p>Thomas Hopkins Gallaudet realizou estudos no Instituto de Surdos de Paris com o abade Sicard.</p> <p>Retornou aos EUA com Laurent Clérc, professor surdo, e brilhante aluno do abade Sicard, com o objetivo de criar a primeira escola para surdos na América.</p>
1803 1886	<p>Um dos mais brilhantes professores surdos foi Ferdinand Berthier. Ele nasceu no ano de 1803, na cidade de Louhans, França. Iniciou a educação com oito anos no Instituto Nacional de Jovens Surdos Mudos de Paris - INJS. Depois de formado passou a lecionar no mesmo local durante mais de 40 anos.</p> <p>Escreveu vários livros e artigos sobre a história dos surdos. Sua obra de maior destaque foi a biografia do abade L'Epeé .</p>
1855	E. Huet professor surdo, oriundo do Instituto de Surdos de Paris, apresentou um relatório ao imperador D. Pedro II, cujo conteúdo revelava a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil.
1856	A escola para surdos passou a funcionar em 1º de janeiro de 1856, nas dependências do colégio de M. De Vassimon, no modelo privado.
1875	Publicação de extrema relevância foi a Iconografia dos Sinais dos Surdos Mudos, feita pelo ex-aluno do Instituto brasileiro Flausino José da Costa Gama. Na apresentação do livro, o então diretor da instituição apresenta o objetivo da publicação: vulgarizar a Linguagem de Sinais, meio predileto dos surdos-mudos

	para a manifestação dos seus sentimentos.
1880	Foi realizado em Milão, na Itália, um Congresso com a presença de representantes dos Institutos da Europa e das Américas. Na época, o método oral foi considerado superior ao dos sinais.
1880	Nasceu Hellen Keller em Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega e surda nos primeiros meses de vida. Aos sete anos passou a ser instruída pela professora Anne Mansfield Sullivan que lhe ensinou o alfabeto manual tátil (método empregado pelos surdos-cegos). Hellen Keller tornou-se celebridade internacional tendo escrito vários livros, dentre eles uma autobiografia. Na década de 1950 visitou o então Instituto Nacional de Surdos Mudos.
1925	Através do Decreto nº. 16.782, foi organizado o Departamento Nacional de Ensino, passando o INES e o Benjamin Constant à classe de estabelecimentos profissionalizantes.
1960	William Stokoe, pesquisador americano, publicou "Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf" divulgando o resultado de suas pesquisas sobre a língua de sinais americana, defendendo que esta é uma língua com todos os elementos estruturantes das línguas orais. Esta publicação foi definitiva para o recrudescimento, em bases científicas, da luta dos surdos pelo reconhecimento das línguas de sinais.
1977	Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a pesquisadora Lucinda Ferreira Brito desenvolveu as primeiras pesquisas sobre a língua de sinais brasileira.
1978	Foi criada a FENEIDA - Federação Nacional de Integração dos Deficientes Auditivos, com a direção compartilhada entre ouvintes e surdos. A FENEIDA foi oficialmente fundada após algumas reuniões organizadas por iniciativa de profissionais ouvintes bastante atuantes na época.
1987	Foi criada a FENEIS - Federação de Educação e Integração de Surdos, no Rio de Janeiro, com a primeira diretora surda: Ana Regina Campello. Foi reestruturado o estatuto da instituição, que passou a ter o nome Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS
1998	Neste ano foi contratada a primeira professora surda por uma universidade federal no Brasil (UFRJ): a Professora Myrna Salerno Monteiro.
2003	A primeira doutora surda concluiu um Curso de Doutorado no Brasil: Gladis Toscheto Perlin.

2002	Foi publicada a Lei de Libras - Lei 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Aconteceu o primeiro curso de formação de agentes multiplicadores "Libras em Contexto" desenvolvido pelo MEC em parceria com a FENEIS.
2005	Foi publicado o Decreto 5626/2005, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002.
2006	Foi criado do primeiro Curso de Licenciatura em Letras-Libras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade EAD, com nove pólos.
2011	Foi criado o Programa Nacional para Certificação de Proficiência em LIBRAS e Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de LIBRAS/Língua Portuguesa – Pro-LIBRAS.
2013 2014	O Instituto Nacional de Educação de Surdos criou a primeira TV, para surdos que se tem notícia. Toda sua programação é em Libras e legendada em língua portuguesa, e, além do seu curso de Pedagogia Bilíngue presencial, agora oferece na modalidade EAD, com dez polos em todas as regiões do Brasil. A Universidade Federal do Rio de Janeiro passou a oferecer os cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Letras-Libras.

1.5. Letramento político e identitário

Assumimos aqui como "letramento" a capacidade do sujeito de não apenas saber ler e escrever, mas, de fazer uso eficiente da leitura e da escrita no seu contexto social. Assim, uma obra literária de conteúdo informativo contendo partes importantes da História da Educação de Surdos pode promover também um letramento político. Segundo Lebefeff (2013) “o letramento influencia toda a vida da pessoa: traz inúmeras consequências para o indivíduo, influenciando sobre fatores sociais, psíquicos, políticos, cognitivos, econômicos”.

Segundo Quadros (2000), há duas estratégias preciosas para o alcance do letramento: o relato de histórias em Libras e a produção de literatura infantojuvenil em sinais para surdos. “*O acesso à leitura tem duas chaves preciosas: o relato de histórias e a produção de literatura infantil em sinais*”. (apud LEBEDEFF, 2007, p. 4)

Uma pessoa letrada, seja surda ou ouvinte é uma pessoa que lê e escreve com desenvoltura. Se uma pessoa lê e escreve, isto faz toda a diferença na sua vida social, nos aspectos emocionais, no seu desenvolvimento cognitivo e até na sua

vida econômica. Entretanto no Brasil os surdos têm muitas dificuldades para chegarem a ser considerados letrados. A maioria dos surdos nem consegue ser alfabetizado.

De acordo com Lebedeff, as pessoas surdas

Chegam à escola sem uma base linguística e com poucas experiências em práticas sociais de leitura e escrita e, apesar desta situação, são tradicionalmente ensinadas a aprender a estrutura linguística da língua oral, fala, leitura, e, muitas vezes Língua de Sinais, tudo ao mesmo tempo.(2007, p.2).

Sem um projeto linguístico adequado na maioria das escolas o professor só se reporta ao surdo oralmente, continua a educação tradicional e nada mudou. Mas podemos admitir que está melhorando a educação de surdos, pois alguns professores usam a língua de sinais muito bem e, trabalham como segunda língua, a língua portuguesa.

As crianças surdas entram em contato com a literatura infantil de modo eficiente se na escola o professor conta histórias em língua de sinais e os pais em casa, do mesmo modo. Os pais também podem se tornar bilíngues. Os surdos vão aprender mais adequadamente se houver atividades de letramento tanto na escola como na família. Strobel adverte:

Um papagaio fazia parte da família, eu ficava intrigada e imaginando por que todos falavam mais com o papagaio do que comigo, neste período começaram as dúvidas e mais dúvidas, sem imaginar que eu podia ser diferente, não me lembro se sabia os nomes das pessoas, demorei muito para entender que eu, as pessoas, as coisas tinham nomes. (22008, p. 53)

É muito interessante este comentário de Strobel, porque muitos surdos se sentem como um papagaio na família. O papagaio quando fala, não tem entendimento do que está repetindo; algumas escolas e famílias atuam como se os surdos fossem iguais a papagaios: fazem os surdos falarem e repetirem, mesmo sem entendimento do que estão falando.

A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais". Karnopp faz referência a respeito desse artefato cultural: "[...] utilizamos a expressão "literatura surda" para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa [...]. (STROBEL, 2008, p. 56)

É muito importante que os surdos sejam letrados, que eles saibam o que estão falando e que saibam o que estão lendo. Para isto, é muito importante criar materiais pedagógicos com base nos artefatos da cultura surda: poesias, histórias de surdos, piadas, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais da “literatura surda”.

Atualmente diversas universidades estão tendo o objetivo de criar materiais específicos em Libras/língua portuguesa. Há muita carência de materiais que divulguem para crianças surdas e ouvintes o que é a cultura surda e a identidade surda.

Grande parte dessas narrativas em língua de sinais tem sido gravada em CD-ROOM, vídeos e DVD, servindo atualmente como fontes para as várias pesquisas realizadas por sujeitos surdos e ouvintes nas universidades, gerando este artefato cultural Literatura Surda, que é nativa e incomum:

Diferentes artefatos culturais são produzidos no sentido de dar sustentação a determinados discursos sobre os surdos. Entre eles, destacamos a literatura infantil que está presente em diferentes contextos sociais, sendo a escola um espaço privilegiado da leitura desses materiais. Nos últimos anos, essa literatura tem sido foco de pesquisas na área da educação justamente por sua inserção e disseminação nas escolas, entre professores e alunos, tanto como material de instrução como de lazer. (STROBEL, 2008, p. 57)

Quando a família não conhece a cultura surda, a família pensa que é ruim ser surdo. A família sente vergonha da surdez e quer afastar a criança surda da comunidade surda. A família influencia errado, desejando que a criança surda seja uma cópia da pessoa ouvinte. Por isso, até hoje há alguns surdos com vergonha de ser surdo.

Por meio da língua de sinais, contam-se histórias, registram-se as experiências através da L2, se expressa às opiniões, desejos, sentimentos e necessidades, estabelecendo para a criança surda uma relação viva e efetiva com o mundo em que está inserida. Através das experiências visuais proporcionadas pela literatura infantil podemos estimular nos sujeitos surdos o desejo pelo aprender e conhecer e, a partir disso, desenvolver o letramento através da concepção de pontes significativas e desafiadoras, a fim de construir suas bases lingüísticas, como as representações textuais baseadas em questionamentos, indagações, discussões e comentários acerca do tema, a criação de cartum, etc. ... pode-se utilizar o apoio de material didático especializado, seja por DVD, livros digitais em libras, outros materiais e recursos visuais adequados aos temas (SILVA, MEDEIROS e LORENSI apud LEBEFEFF, 2013, p. 8)

Na família e nas escolas o surdo precisa ter acesso a histórias infantis e, também a história dos surdos. Conhecer a História da Educação de Surdos

literariamente, através dos sinais e da língua portuguesa, é uma experiência que pode desenvolver o espírito crítico, fomentar desejos, expandir conhecimento.

1.6. Desafios da Educação Bilíngue

A maioria dos surdos organizados politicamente luta por uma educação bilíngue seja em escolas de surdos ou em escolas regulares. Entretanto, ainda há muita resistência a esse projeto tanto em formuladores de políticas públicas quanto em familiares. Os acadêmicos surdos e a comunidade surda lutam pela criação de escolas bilíngues para surdos, somente com a língua de sinais brasileira e a língua portuguesa escrita, porque os surdos, pelo visual, entendem melhor a comunicação.

Sabemos a dificuldade que é para um surdo aprender a língua portuguesa, para não usar a língua portuguesa artificialmente, e sabemos que é preciso aprender esta língua porque é a mais utilizada, por ser igual à maioria das línguas orais no mundo, e facilitadora da comunicação com os outros povos orais do mundo.

É importante a educação bilíngue multicultural porque é importante que as crianças surdas aprendam as diferenças culturais de surdos e ouvintes e estas diferenças têm que estar contempladas no currículo escolar. Ao mesmo tempo em que as crianças surdas vão aprender as diferenças culturais, elas podem aprender que é a língua de sinais que as introduz na vida cultural dos surdos.

A experiência visual dos surdos ainda não foi explorada como poderia. Os "olhares" dos sujeitos surdos ainda não foram amplamente explorados na escola nem na vida social. Segundo Campello, existe um verdadeiro "saber" e uma rica "abstração" do pensamento imagético surdo.

Segundo Campello, os estudos das experiências visuais dos surdos e da cultura surda são feitos num campo novo chamado de "semiótica imagética". Os recursos visuais e didáticos são estudados neste campo também.

Isso é chamado de semiótica imagética, que é um estudo novo, um novo campo visual onde se insere a cultura surda, a imagem visual dos surdos, os olhares surdos, os recursos visuais e didáticos também. (CAMPELO, 2007, p. 106)

Ainda que seja forte a experiência visual dos surdos, ainda há poucos estudos teóricos sobre este tema. E também nas escolas é pouco explorada a pedagogia

visual, mesmo quando já se sabe que a língua de sinais se baseia em imagens visuais.

Através da pesquisa, observamos que não é comum encontrar produções teórico-metodológicas relacionadas à pedagogia visual na área dos surdos, mesmo que a língua de sinais (que é a língua natural, materna e nativa das pessoas surdas, cuja modalidade é gesto-visual), se apóie em recursos da imagem visual. (CAMPELO, 2007, p.113).

Segundo a autora, a experiência visual dos surdos precisa de uma específica pedagogia surda, e esta pedagogia surda deve influenciar o currículo, a didática, as estratégias educacionais e a criação dos materiais pedagógicos, os quais devem usar muito da cultura artística, da cultura visual, da criatividade plástica, das artes visuais, da informática e dos recursos visuais.

Os estudantes surdos infantojuvenis ficam rapidamente enjoados porque têm que dar muita atenção aos intérpretes nas aulas, por isto os surdos preferem os professores surdos, e isto é natural. Por exemplo: o professor ouvinte ensina para os alunos ouvintes e ouvir, para os ouvintes, é uma delícia; igualmente, para os alunos surdos, é uma delícia ter aulas com professores surdos ou com professores muito fluentes na Libras. As aulas, para os alunos surdos têm que ser muito diferentes das aulas para alunos ouvintes. Apenas colocar intérpretes não resolve.

A identidade surda está sempre presentes onde os surdos estão livres para usar sua experiência visual natural, onde podem usar diversificadas formas de comunicação visual cheias da língua de sinais. É importante mostrar a cultura surda para as crianças surdas, utilizando diversas maneiras, inclusive vídeos, fotos, imagens, etc. As crianças surdas precisam sentir como é a identidade surda, para se desenvolver plenamente.

É necessário ensinar que as culturas e a identidade surda se utilizam das línguas de sinais como seus principais artefatos culturais. E também ensinar as diferentes funções e usos das línguas de sinais: informal, formal, poético, tradução, interpretação, em diferentes tipos de narrativas surdas. Tudo isto são recursos para o letramento dos surdos.

Não defendemos o ensino da língua de sinais apenas. As crianças surdas precisam aprender a língua portuguesa também, porque precisam ser bilíngues para poderem chegar aos níveis mais altos da escolaridade.

Um sujeito surdo foi a uma consulta médico fez perguntas para escrever o histórico da vida dele: “qual o seu grau de instrução?” O paciente surdo respondeu que estava fazendo mestrado, médico articulou abismado: “você? Mestrado?” como se não acreditasse da resposta. Que tipo de representação social o médico tem de sujeitos surdos? Seres que não são capazes de estudarem e fazerem mestrado? (STROBEL, 2013, p. 24)

Por causa dessa falta de informação, algumas crianças surdas não têm a identidade surda, não aceitam serem ensinadas com a Libras e sentem vergonha de usar a língua de sinais. Isto acontece porque as famílias geralmente influenciam a favor da oralização, e dizem que a língua de sinais é um sinal de fracasso. Muitas pessoas atrapalham o desenvolvimento do natural jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar. É necessário deixar a criança surda desenvolver naturalmente a sua identidade de surdo.

Jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar. de transformar o mundo de modo a torna-lo habitável (Gladis Perlin). (STROBEL, 2013, p. 21)

A maioria das famílias surdas não têm o entendimento de que os surdos precisam de escolas de surdos e de contato com a comunidade surda. Geralmente a criança surda não se sente feliz se tem apenas contato com familiares ouvintes e se frequentam a escola regular.

Muitas vezes o processo de transmissão cultural de surdos ocorre com muitos sujeitos surdos somente na idade mais avançada, já adultos, porque a maioria dos surdos tem família ouvintes, ou pela imposição ouvintista nem frequentam as escolas de surdos e ficam sem contato por muito tempo com a comunidade surda. (STROBEL, 2013, p. 25)

A História da Educação de Surdos mostra que houve muita luta para conseguir criar a Lei de Libras. Agora que a Lei está criada, algumas escolas respeitam a Lei da Libras e estão melhorando a educação de surdos. É bom que haja respeito, porque as crianças surdas já sofreram muito com os docentes, as famílias e a sociedade não respeitando a cultura surda.

O "povo" surdo é alegre. Talvez porque tenha havido muito sofrimento em sua infância. Eles tem prazer em se comunicar e se alegram sempre. Em um pátio de recreação ou em um restaurante, um grupo de surdos que falam é algo incrivelmente vivo. Falamos, falamos, exprimimo-nos às vezes durante horas. Como se tivéssemos uma sede inesgotável de dizer as coisas, das mais superficiais às mais sérias. Os surdos teriam me chamado de “Flor que chora”, caso eu não tivesse acesso à sua comunidade linguística. A partir dos sete anos tornei-me falante e luminosa. A língua de

sinais era minha luz, meu sol, não pararia mais de me exprimir, aquilo saía, saía, como uma grande abertura em direção à luz. Não conseguia mais parar de falar com as pessoas. Tornei-me “O sol que vem do coração”. Era um belo sinal. (LABORIT, 1994, apud STROBEL, 2008, p. 35)

Infelizmente, se prestarmos atenção à história, veremos que a família e a escola prejudicaram o desenvolvimento dos surdos quando não deram atenção à sua língua natural. Até hoje, quando insistem rigidamente para que a criança surda aprenda primeiramente a língua portuguesa - o que não é natural para os surdos - a criança surda perde a liberdade a vontade de aprender naturalmente.

As pesquisas científicas já feitas nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil, comprovaram que as crianças surdas de pais surdos se saem melhor no desenvolvimento da linguagem que as outras crianças de pais ouvintes. Pois as mesmas não apresentam os problemas da defasagem de linguagem porque os pais surdos já estão se “comunicando” em língua de sinais com os filhos surdos o mais precocemente possível, esclarecendo todas as suas curiosidades naturais. (STROBEL, 2013, p. 45).

Pais surdos entendem melhor a educação de surdos, mas, pais ouvintes podem buscar o conhecimento sobre a cultura surda e a língua que é natural para as crianças surdas, porque é uma língua visual.

[...] a criança (no contato com modelos surdos adultos) não apenas terá assegurada a aquisição e desenvolvimento de linguagem, como (também) a integração de um autoconceito positivo. Ela terá a possibilidade de desenvolver sua identidade como uma representação de integridade, não como a de falta ou de deficiência (...) podendo se perceber como capaz e possível de vir a ser. Ela não terá de ir atrás de uma identidade que ela nunca consegue alcançar: a de ouvinte. (STROBEL, 2008, p. 46)

O comentário abaixo é uma grande realidade e comprova a necessidade de se ensinar a História da Educação de Surdos e apresentar a cultura surda para as crianças e adolescentes surdos. Quando a família não conhece a cultura surda, a família pensa que é ruim ser surdo, a família sente vergonha da surdez e quer afastar a criança surda da comunidade surda.

Quando a família nega a participação das crianças surdas ao povo surdo, poderá fazer com que estas crianças acreditem que é ruim ser surdo, e isto prejudicará o desenvolvimento sadio de identidade das mesmas, [...] você poderá, portanto, vir a conhecer pessoas surdas envergonhadas da surdez, de usar língua de sinais ou de seu mau inglês. Essa baixa auto-estima pode ser resultado de esforços enganosos de pais e escolas para fazer de uma pessoa surda uma cópia fiel de uma pessoa ouvinte. (STROBEL, 2008, p. 81)

Os surdos sempre estiveram atentos e em luta histórica pelo reconhecimento da língua de sinais, entretanto, estão ainda longe politicamente dos centros decisórios.

"Meu sonho é escolas de surdos e faculdades de surdos também, com a comunicação cheia de línguas de sinais maravilhosas". (MACHADO, 2015, p.10).

A construção de um livro bilíngue para o público infanto-juvenil, surdo ou ouvinte, pode contribuir para a divulgação da Língua Brasileira de Sinais e da cultura surda, podendo ser utilizado, principalmente, em escolas bilíngues de surdos ou em escolas inclusivas. Todo livro pode ser uma excelente ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, mas, se o produto literário for destinado ao público surdo, é muito importante que seja um produto bilíngue.

Concordamos com Souza quando diz:

Os livros infantis podem oferecer uma "experiência visual" - contando uma história com imagens – o que podem ser de grande importância para as crianças surdas e a aproximação com seus pais. Esses livros podem ter um texto e podem por vezes serem totalmente explicados ou ilustrados com fotos. (2015, p.35)

A literatura surda adquire também o papel de difusão da cultura surda, dando visibilidade às expressões linguísticas e artísticas advindas da experiência visual, por esse motivo se faz de extrema importância sua difusão. (KARNOPP, 2008, citada por SOUZA, 2015, p. 36).

Toda pessoa surda, desde a infância, precisa ser incentivada a se ver como um sujeito surdo, com suas potencialidades e especificidades, e o conhecimento de aspectos da História da Educação dos Surdos e da cultura surda podem colaborar para o desenvolvimento de uma boa autoimagem e de sucesso profissional e pessoal.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Elaborar material literário bilíngue de conteúdo histórico para o público infantojuvenil, surdo e ouvinte, buscando contribuir com a construção de consciência identitária através da circulação de ideias sobre aspectos da História da Educação de Surdos, e suas lutas, na Europa e nas Américas.

2.2 Objetivos Específicos

- Construir uma linha do tempo com fatos relevantes na história da educação de surdos na Europa, nas Américas e no Brasil;

- Construir uma história da educação de surdos com texto apropriado para o público infantojuvenil;

- Construir um livro ilustrado e colorido que, ao ser uma literatura infantojuvenil, promova, com seu conteúdo, o letramento político;

- Comparar o livro produzido com outro livro de público e objetivos semelhantes;

- Fazer um vídeo com a versão em Libras do texto do livro infantojuvenil;

- Montar um banco de dados que promova um diálogo entre minha trajetória pessoal e de STROBEL (2008), na qualidade de professoras surdas, que coloque em perspectiva a construção de identidades políticas a partir do conhecimento das lutas históricas dos surdos.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo teve como objetivo elaborar material literário bilíngue de conteúdo histórico para o público infantojuvenil, surdo e ouvinte.

Inicialmente, foi apresentada a história pessoal da autora, dialogando com a trajetória de outra autora e pesquisadora surda, Karin Strobel. Foram utilizados estes aspectos para construir um livro bilíngue com personagens reais (a autora e sua família) e com uma personagem fictícia com poderes mágicos.

Também foi realizada uma discussão sobre as dificuldades que os surdos brasileiros enfrentam na sua escolarização e na socialização, sempre defendendo a importância da educação bilíngue, principalmente em escolas e classes específicas para surdos e apresentando alguns aspectos negativos que são o resultado de políticas públicas que não resguardam o ambiente linguístico natural de aquisição da língua brasileira de sinais para os surdos.

Foi abordada a importância do acesso ao conhecimento da História da Educação de Surdos para o desenvolvimento de um pensamento crítico buscando contribuir para que cada surdo possa se tornar um militante político, pois a luta por socialização, escolarização e profissionalização é uma luta que exige consciência política.

3.1. Abordagem Bilíngue do Produto

O livro impresso explora o papel comunicativo da imagem, e procura ser fiel à relação texto-imagens. O livro bilíngue também procura ser o mais fiel possível à relação texto-sinalização-imagens.

O conteúdo disponibilizado em vídeo apresenta as imagens com o texto escrito embaixo da tela (sem os balões que existem no livro impresso) e a tradução em Libras no lado direito da tela. O livro bilíngue foi filmado e editado por João José Ramos Macedo - técnico em áudio e vídeo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O vídeo com a sinalização em Libras obedeceu a regras de iluminação e atentou para a posição adequada da sinalizadora, garantindo a visualização de todos os movimentos. Também, por se tratar de surda adulta usuária da língua brasileira de sinais, a correta utilização de sinais foi garantida, contribuindo para uma possível aprendizagem da Libras pelos leitores.



Figura 2 – Imagem de página do livro digital que é produto do presente trabalho

3.2. Temáticas Históricas e Educacionais

Para a elaboração do livro impresso e do livro digital, foram pesquisados temas históricos e educacionais. Observou-se que a temática da história real da comunidade surda no mundo não é comum em livros infantis destinados ao público infantojuvenil surdo.

A narradora é uma pessoa surda - tanto na construção do texto como na tradução da narrativa para a Libras - este fato amplia possibilidades de identificação.

O livro bilíngue conta a história de Nivia, uma menina surda que desde pequena vivia triste porque não tinha amigos e porque não entendia o que as pessoas falavam. A menina não tinha conhecimento sobre se existiam outros surdos. Nivia não gostava da sua escola, pois era a única criança surda na escola, e sentia grande dificuldade na comunicação, tanto na escola como na família. Certo dia, estando sozinha numa livraria de um shopping, encontra um livro sobre a História da Educação de Surdos. Ao folhear o livro, encontra uma fada negra surda que a convida para mergulhar no livro a fim de conhecer a História dos Surdos e a

língua de sinais. A partir daí, passa viajar no tempo com a fada, conhecendo os acontecimentos mais relevantes que marcaram a História da Educação de Surdos na Europa, nas Américas e também no Brasil. Após despedir-se da fada, convence seus pais a irem conhecer o INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos. Nívia apresenta-se adulta no final do livro, conclamando os surdos a se envolverem na luta por mais escolas e classe bilíngues e, em seu discurso de formatura, agradece a pessoas - do passado e do presente - que foram importantes no desenvolvimento da educação de surdos no Brasil e no mundo.

3.3. Criação de Personagens, Imagens e Histórias

A personagem principal do livro é Nívia - uma criança surda real, que se apresenta até tornar-se adulta. Trata-se de uma mulher surda que incentivada pela História da Educação de Surdos vence as dificuldades chegando a tornar-se uma profissional da Educação. A protagonista da história foi apresentada à História da Educação de Surdos através de uma fada surda negra, que a convida para mergulhar num livro e a partir desse mergulho inicia o seu processo de letramento político.

A escolha da fada traz a questão lúdica que atrai para a história real. O fato de a fada ser negra colabora para marcar, no livro bilíngue, questões da diversidade - e não apenas questões da inclusão.

O texto foi ilustrado pela profissional surda Verena Gila Fontes que é designer e fotógrafa, além de estudante do curso de Letras-Libras. Os desenhos foram criados no programa Illustrator. Grandes contribuições foram dadas pelo "olhar surdo" da ilustradora, como os sinais da Libras acrescentados ao desenho como por exemplo: os sinais de "surdo", de "oi!", de "bilíngue" e o símbolo de "Y Love You", muito usado pela comunidade surda.

As imagens foram organizadas de forma a não atrapalhar a visualização e a leitura do texto em Língua Portuguesa.

3.4. Construção do Protótipo do Produto

O protótipo do produto foi construído inicialmente a partir de uma primeira versão, mas, o texto foi se ampliando com a necessidade da inclusão de novos dados históricos que pudessem traduzir mais adequadamente os dados relevantes da linha do tempo apresentada na Dissertação.

O protótipo não foi testado com um público infantojuvenil, mas, utilizou-se a comparação com outro material semelhante, desenvolvido no mesmo Programa de Pós-Graduação, cujo protótipo foi testado: a série *“Era uma vez meus amiguinhos”*, de Mariana da Cunha Teixeira de Souza e Helena Carla Castro (2015), a fim de analisar os aspectos abordados e averiguar o que precisava ser modificado para melhor atender o público-alvo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O produto do presente estudo é um livro bilíngue composto de duas versões: um livro impresso com um texto em língua portuguesa acompanhado de imagens ilustrativas que representam a narrativa, e um texto bilíngue que será disponibilizado gratuitamente na Internet. O texto bilíngue apresenta o conteúdo em Libras, com filmagem da própria autora traduzindo, para a Libras, o texto escrito língua portuguesa, além das imagens ilustrativas que são apresentadas ao mesmo tempo.

A narrativa da obra em Libras poderá estar na rede virtual através da mídia "YouTube" e/ou por meio de QR CODE, o que colaborará com a difusão da cultura surda e da literatura surda, possibilitando melhores condições de acesso para o público.

Vale registrar que se trata de obra inédita. Essa informação ampara-se em ampla pesquisa feita na internet, e no catálogo das duas maiores editoras especializadas em desenvolver material bilíngue para surdos: Editora Arara Azul (www.editora-arara-azul.com.br) e LSB Vídeo (www.lsbvideo.com.br).

Não se trata de uma versão de alguma história produzida para a comunidade ouvinte, mas, um material produzido principalmente para a comunidade surda, mas, não só, pois pode alcançar a todos que se interessem em conhecer a Língua Brasileira de Sinais.

O material produzido contribui para que a percepção da História da Educação de Surdos vá além de simples fatos e datas, compreendendo-a como um processo com a participação de diferentes sujeitos em seus diferentes tempos e espaços, principalmente considerando que há poucas narrativas da História da Educação de Surdos, e o público infanto-juvenil não conhece os personagens desta história, nem conhece os personagens surdos que foram importantes na história dos surdos.

O presente trabalho, com a construção de narrativas históricas apropriadas para as faixas etárias, com suas ilustrações e a organização de ideias, amplia o conhecimento da História e colabora para o desenvolvimento da capacidade crítica e da visão política.

Segue uma comparação entre o Livro Digital Infantil Bilíngue produzido e a Série "Era Uma Vez Os Meus Amigos" (Quadro 2).

Quadro 2 - Comparação entre dois livros digitais

Série “Era uma vez os meus amigos”, de Mariana Cunha e Helena Carla Castro	Livro "A FADA SURDA ABRE O LIVRO DA HISTÓRIA", de Nivia Carla Machado.
SEMELHANÇAS	
Ambos são trabalhos que têm a proposta da acessibilidade, pois são bilíngues. Sendo bilíngues (Libras/Língua Portuguesa), ressaltam duas importantes modalidades de comunicação: a comunicação pela língua de sinais e a comunicação pela escrita.	
Ambos são materiais que ressaltam as diferenças entre duas modalidades linguísticas, colaborando para a compreensão de que os surdos podem tornar-se bilíngues e utilizarem normalmente as duas modalidades da língua.	
Ambos são materiais com objetivos pedagógicos e linguísticos, visando o incentivo ao aprendizado da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa na modalidade escrita.	
Ambos facilitam comparações entre as duas línguas envolvidas, colaborando para que o leitor desenvolva uma compreensão metalinguística.	
Ambos são bastante coloridos, pelo fato de que, assim sendo, o material se torna bastante atrativo para o público-alvo, considerando que, principalmente as crianças surdas, são pessoas que têm uma experiência visual de vida - muito mais que uma experiência "oral-auditiva".	
Ambos podem ser considerados materiais que utilizam artefatos da cultura surda.	
Ambos colaboram para o desenvolvimento da identidade surda.	
Ambos têm um personagem negro de destaque, colaborando para desconstruir o preconceito.	
Ambos os livros bilíngues procuram ser o mais fiel possível à relação texto-	

sinalização-imagens.	
Em ambos, a narrativa em Língua Portuguesa e em Libras aparece em campos separados para não confundir visualmente nem atrapalhar a compreensão de alguma imagem.	
Ambos são trabalhos desenvolvidos em curso de Mestrado Profissional	
DIFERENÇAS	
Série de três livros virtuais.	Trata-se de um livro impresso e um livro digital.
Livros interativos. Os graus de interatividade dos livros são diferentes. O primeiro apresenta grande interatiividade, sugerindo atividades familiares para o uso de ambas as línguas.	Apresenta interatiividade limitada, pois apenas interage no sentido sugestivo de modo que a criança faça um desenho imaginando-se no futuro.
O público alvo são crianças e pais (principalmente as surdas).	É destinado ao público infantojuvenil (principalmente o público surdo) mas inclui o público juvenil por conta de que, considerando o perfil educacional da comunidade surda brasileira, a maioria do público juvenil surdo não tem acesso às informações históricas que o produto traz.
O texto trata de personagens fictícios.	O texto trata de personagens reais, exceto a fada surda negra.
Não há personagens de conteúdo fantasioso e mágico.	Há um personagem de conteúdo fantasioso e mágico: a fada surda negra.

O bilinguismo do trabalho é apresentado sempre ao mesmo tempo.	O bilinguismo do trabalho não é apresentado na versão impressa, pois o leitor deve abrir a versão em Libras para ter acesso ao conteúdo na primeira língua (Libras).
Existem outros trabalhos semelhantes no tema do letramento.	Pesquisando em sites especializados na área da educação de surdos, verifica-se que é um trabalho inédito no tema "apresentação histórica".
Há manual de instruções.	Não há manual de instruções.

A vantagem do presente trabalho em relação à série “Era uma vez os meus amigos”, de Mariana Cunha e Helena Carla Castro, é que neste existe a versão impressa, não exigindo que a criança leitora tenha acesso à Internet para acessar o conteúdo. Ambos contribuem para o letramento, mas, o presente trabalho tem um objetivo mais aprofundado pois busca trazer um forte componente histórico-político.

Ambos podem ser considerados materiais que utilizam artefatos da cultura surda, no entanto, o presente trabalho ressalta não apenas aspectos linguísticos mas também aspectos sociais, comunitários, culturais, históricos e educacionais. Ambos abordam a questão da diversidade e não apenas a questão da diferença, com seus personagens negros em destaque. A criança leitora do livro bilíngue digital terá acesso à Língua de Sinais Brasileira em um nível de complexidade maior e poderá ver a língua de sinais em uso pleno, não apenas na condição de abordagem lexical.

É importante existir uma didática específica desenvolvida em contextos de educação bilíngue (Libras/língua portuguesa). Nessa didática específica os processos de letramento visual têm que ser privilegiados. Para privilegiar o letramento visual, é muito importante o uso de mídias e de artefatos que existem atualmente, como computadores, tablets, celulares, jogos etc. Por isto o material desenvolvido no presente trabalho utilizou dois veículos: o veículo impresso (livro ilustrado) e o veículo midiático (vídeo em Libras).

A pedagogia visual é muito importante na educação para surdos porque a língua de sinais é visual e seu uso tem consequências tanto para as pessoas surdas

como para o dia a dia das escolas e classes de surdos. Se não forem usadas as estratégias visuais, não se facilitará o crescimento dos surdos. É muito importante o uso de estratégias visuais para combinar com surdos que usam a visualidade.

Para desenvolver o letramento visual, é necessário usar imagens associadas ao uso da Libras e da língua portuguesa, assim, os surdos podem aprender muito e refletir rápido. Os surdos conseguem alcançar o conhecimento porque são capazes de pensar amplamente, mas a visualidade ajuda. Por isto, as imagens de livros infantis são importantes não só para que as crianças conheçam os principais nomes dos personagens da História da Educação de Surdos, mas, também para desenvolver o letramento.

A família e a escola precisam estimular o letramento visual: fazer ler imagens de livros, ler sinais, símbolos, figuras, objetos, porque as imagens também são "textos". A criança surda precisa ter o hábito de ler diversas imagens. Os professores e a família de crianças surdas precisam de narrativas e imagens com textos em língua portuguesa e em Libras para poderem comparar as duas línguas todos dias, se possível.

As crianças surdas precisam aprender o mais cedo possível, porque terão mais dificuldades em suas vidas numa sociedade ouvinte. As crianças surdas não podem apenas "olhar" as revistas em quadrinhos, precisam entender, precisam ser estimuladas sem parar.

Os professores surdos e os não-surdos podem ensinar de modo bilíngue utilizando diversos artefatos educacionais com os estudantes surdos, mas precisam respeitar a cultura surda.

Os professores surdos sabem como ensinar com estratégias visuais, usando a língua de sinais, mas, há professores ouvintes que sabem ensinar também, caso respeitem a cultura surda e a identidade surda. E também é verdade que há surdos que não sabem ensinar com estratégias visuais. Até os surdos precisam aprender a ser bons professores.

O ensino para os surdos deve envolver muitos recursos: jogos, passeios, escrita de sinais, literatura, teatro, música, pintura, desenho, legenda, foto, cinema, jornal e tudo mais - tudo isto leva ao letramento visual. Os profissionais da educação precisam aprender a utilizar práticas pedagógicas bilíngues e visuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. Conclusões

Após a execução dos objetivos, obtivemos as seguintes conclusões:

- O produto deste trabalho é composto de um livro impresso em Língua Portuguesa e de um livro digital Libras/Língua Portuguesa.
- O texto foi elaborado com temáticas históricas de baixa complexidade, o que permitiu que se utilizassem duas línguas (Língua Portuguesa e Libras) em texto adequado para o público ao qual se destina.
- Duas personagens principais foram criadas para compor a história inédita que originou o livro impresso (em língua portuguesa) e o livro bilíngue virtual intitulado: "A FADA SURDA ABRE O LIVRO DA HISTÓRIA".
- Para criar um certo grau de interatividade (ainda que pequena), foi proposta uma atividade convidativa lúdica: a elaboração de um desenho produzido pela criança leitora para expressar seu sonho de sucesso no futuro.
- O produto deste trabalho não se destina apenas a surdos, pois crianças ouvintes também poderão se beneficiar dele, aprendendo a respeitar as diferenças entre as pessoas e a admirar as diversas línguas - inclusive as de diferentes modalidades (orais-auditivas e espaço-visuais).
- Quanto à questão imagética e a tradução, vale ressaltar que tradução foi feita da Libras para a Língua Portuguesa, e não o contrário, pois a autora é usuária nativa da Libras, assim, a escrita em Língua Portuguesa expressa menos que a sinalização em Libras.
- É um trabalho bastante inclusivo, apontando para a possibilidade de uma futura versão em Braille e/ou em voz (para crianças cegas) e uma versão com Sign Writting. Aponta, ainda para uma versão para um público adolescente, que poderá trazer mais informações sobre a História da Educação de Surdos e a personagem Nivia jovem - já não com uma fada, mas, com uma amiga.

6. PERSPECTIVAS

- O material produzido pode ser usado para incentivar o aprendizado da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa na modalidade escrita.
- O aspecto bilíngue facilita comparações entre as duas línguas envolvidas, colaborando para que o leitor desenvolva uma compreensão metalinguística.
- O material pode ser utilizado no ambiente familiar ou em ambiente educacional.
- O material pode aproximar a criança surda de aspectos importantes como a cultura surda, a comunidade surda, a educação, a cidadania e a tecnologia.
- O produto deste trabalho contribui para que surdos e ouvintes possam ampliar sua percepção de história para além de fatos e datas compreendendo-a como processo de conhecimento dos sujeitos em seus tempos e espaços. O texto da dissertação promoveu um diálogo entre a trajetória pessoal da autora e de outra autora, também professora surda, colocando em perspectiva a construção de identidades políticas a partir do conhecimento das lutas históricas dos surdos.
- O produto deste trabalho busca promover o letramento político e colaborar com a difusão da cultura surda e da literatura surda.
- É um material de ensino que atinge além do público almejado, pois interessa a professores e pais, e serve de base para atividades do processo de ensino-aprendizagem não só para as crianças surdas mas, também, para as crianças ouvintes.

7. REFERÊNCIAS

CAMPELO, Ana Regina. Pedagogia visual / sinal na educação dos surdos. In: QUADROS e PERLIN (org.) Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAPOVILLA, F. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: Sá, Nidia Limeira. (et al.). *Surdos: qual escola?* Manaus, AM: Editora Valer e Editora da Universidade Federal do Amazonas. (pp. 73 - 95), 2011.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. A história deve ser dividida em pedaços? São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Alternativas de letramento para crianças surdas: uma discussão sobre o shared reading program. In: Reunião Anual da ANPED, 30, 2007. *Anais*. 2007.

QUADROS, Ronice M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

ROCHA, S. M. *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*. Rio de Janeiro: MEC/INES, 2007.

ROCHA, S. M. *Memória e história: a indagação de Esmeralda*. Petrópolis: Arara Azul. 2010.

SÁ, Nelson Pereira de, e SÁ, Nídia Limeira de. *Escolas bilíngues de surdos: por que não?* Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2015.

SÁ, Nidia Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo, Editora Paulinas, 2006.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de Surdos*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

MACHADO, Nivia Carla L. S B. Prefácio. In: SÁ, Nelson Pereira de, e SÁ, Nidia Limeira de. *Escolas bilíngues de surdos: por que não?* Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – EDUA, 2015.

SKLIAR, Carlos. *La educación de los sordos*. Una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: Editora Universal de Cuyo, Serie Manuales, 1997.

SOUZA, Mariana da Cunha Teixeira de. *O bilinguismo (libras – português) na terra infância*: produção de uma série de livros infantis interativos para aproximação de pais ouvintes e filhos surdos. Niterói, Dissertação (Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão do Instituto de Biologia Universidade Federal Fluminense). 2015.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

_____. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3.ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

Fontes Documentais

GAMA, Flausino José da. *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos ; Volume 1)

ATAS: CONGRESSO DE MILAO [DE]. – Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos: Volume 2), 1880.

COMPENDIO PARA O ENSINO DOS SURDOS – MUDOS. Rio de Janeiro: INES, (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos: Volume 3), 2012.

SICARD, L'ABBÉ. *Célèbre Instituteur Des Sourds-Muets, Successeur Immédiat De L'Abbé De L'Épée*. Rio de Janeiro: INES, (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos: Volume 4), 2012.

CONGRESSO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DAS QUESTÕES DE EDUCAÇÃO E DE ASSISTÊNCIA DE SURDOS-MUDOS. – Rio de Janeiro: INES, (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos: Volume 5), 2013.

A SURDO MUDEZ NO BRASIL (cadeira de hygiene). – Rio de Janeiro: INES, (Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos: Volume 6), 2013.

Sites

CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA. 2007. Disponível em:

http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencao_pessoascomdeficiencia.pdf. Acesso em 23.03.2017.

LEI 10.436/2002. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 23.03.2017.

DECRETO 5626/2005. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm
Acesso em 23.03.2017.

ARARA AZUL. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/site/>
Acesso em 23.03.2017.

LSB VÍDEO. Disponível em: <https://www.lsbvideo.com.br/>. Acesso em 23.03.2017.

8. APÊNDICES

8.1 Partes do livro infantojuvenil bilíngue "A FADA SURDA ABRE O LIVRO DA HISTÓRIA"



Figura 1 - Capa do livro impresso



Figura 2 - Nívia e o convite da fada surda negra - Página 9



Figura 3 - Nívia, a fada e os surdos na Antiguidade - Página 11



Figura 4 - Nívia e a fada na visita de Gallaudet a Clerc, na França - Página 14



Figura 5 - Nívia e a fada na visita de Huet a D. Pedro II - Página 16



Figura 6 - Nívia e a fada no Congresso de Milão - Página 17



Figura 7 - Nívia e a fada no escritório de pesquisas de Stokoe - Página 18

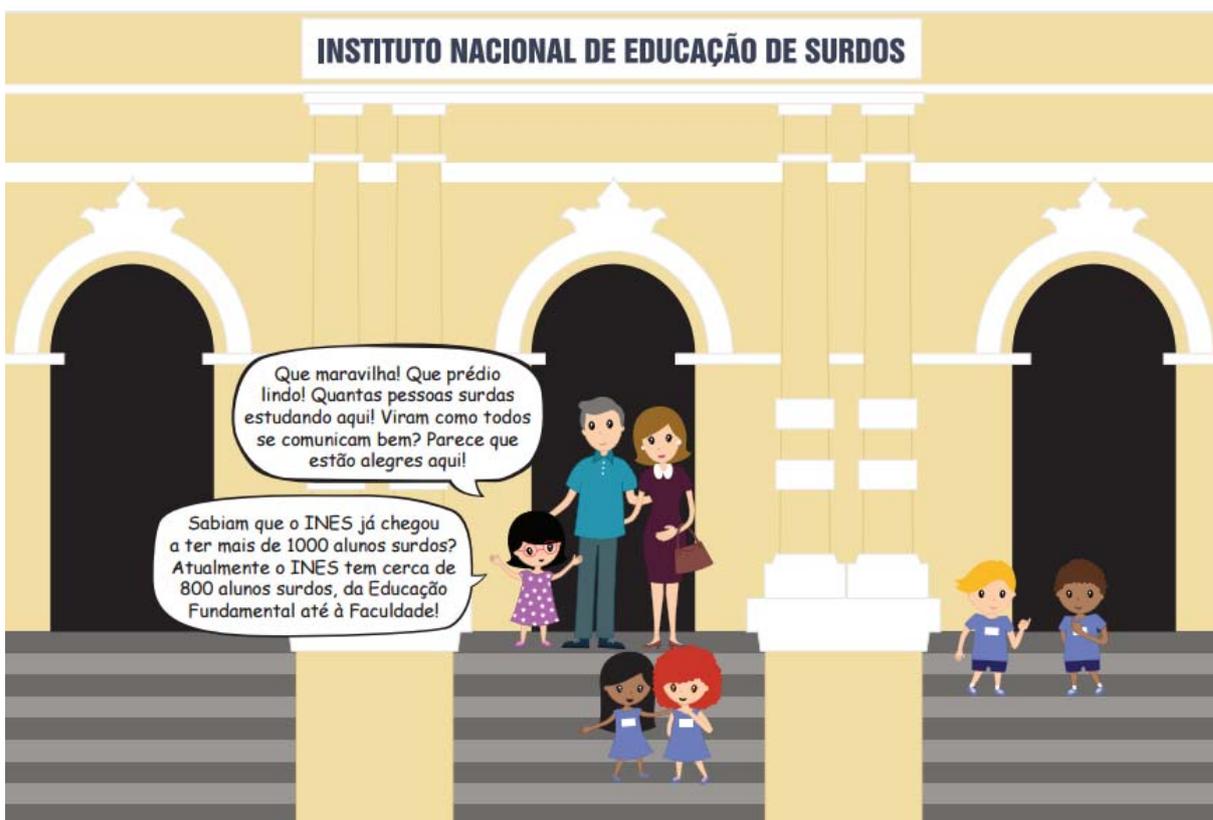


Figura 8 - Nívia e os pais na visita ao INES - Página 21

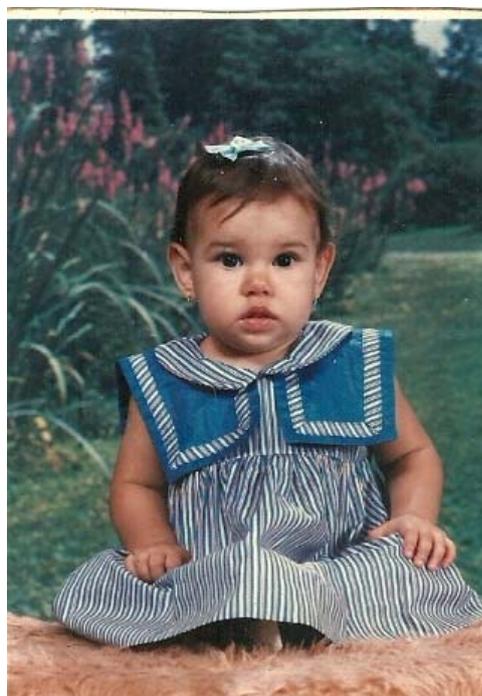


Figura 9 - Nivia no seu discurso de formatura - Página 24



Figura 10 - Contracapa do livro impresso

8.2 Fotos da Minha História Pessoal e Educacional



Idade com a qual coloquei aparelhos auditivos.



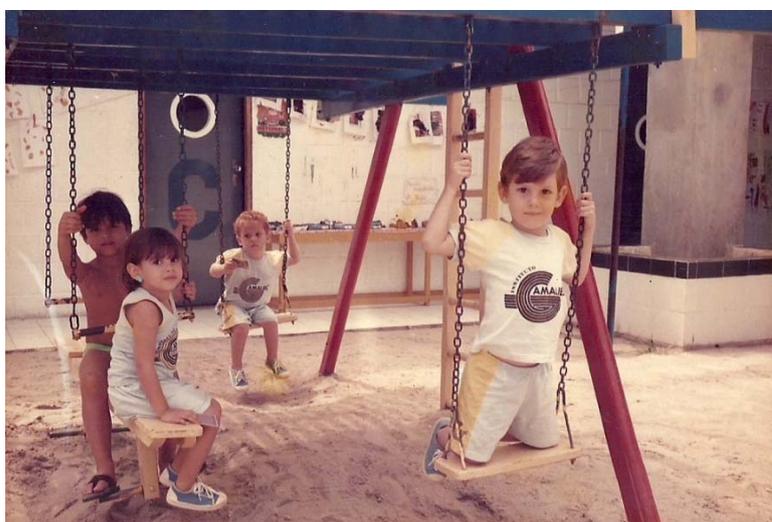
Na primeira escola de surdo, com minhas professoras ouvintes.



Com meus dois irmãos ouvintes.



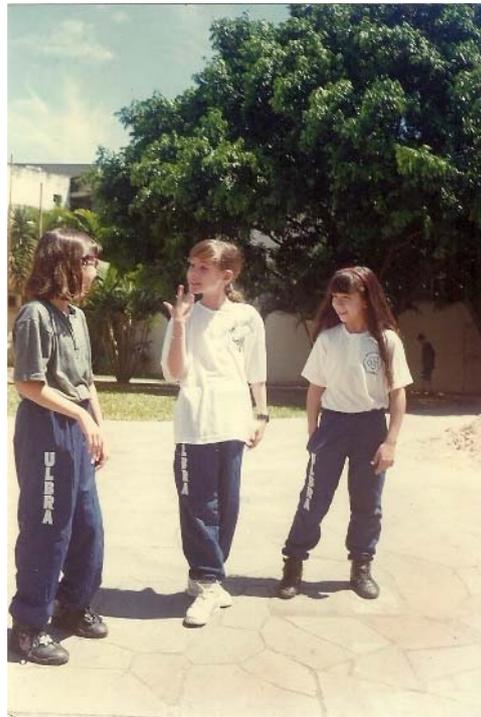
Na clínica fonoaudiológica, com uma das fonoaudiólogas.



Na escola regular com meus irmãos.



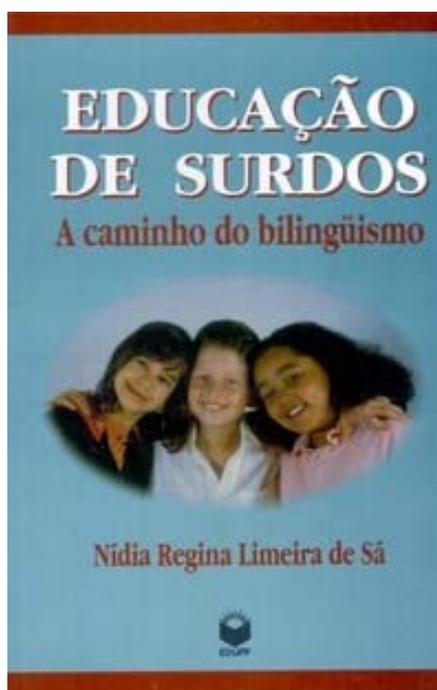
Com a séria necessidade de lentes de correção.



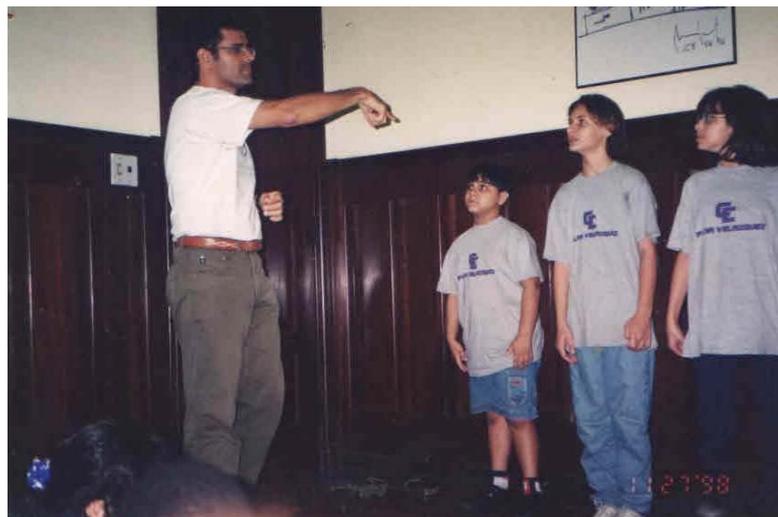
Com colegas surdas na Escola Concórdia.



Com os amigos surdos Camila e Eduardo, da Escola Concórdia.



Com meus amigos surdos na capa do primeiro livro da minha mãe.



Com colegas surdos e o professor de teatro Nelson Pimenta, no CES.



Apresentação de Feira de Ciências no CES.



Com a turma na escola regular em Manaus



Na Escola Radial (Ensino Médio)



Com meu marido Raul.



Dando aulas durante o curso de Pedagogia.



Formatura em Pedagogia.